

ODETE CARLA DOS REIS MENDES

**ATTITUDE DOS PROFESSORES TITULARES DE
TURMA FACE À PARTICIPAÇÃO DE ALUNOS
COM MULTIDEFICIÊNCIA EM SALA DE AULA**

Orientador: Jorge Melo Serrano

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Lisboa

2012

ODETE CARLA DOS REIS MENDES

**ATTITUDE DOS PROFESSORES TITULARES DE
TURMA FACE À PARTICIPAÇÃO DE ALUNOS
COM MULTIDEFICIÊNCIA EM SALA DE AULA**

Trabalho de Projeto elaborado para a obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação, variante Educação
Especial, no domínio Cognitivo e Motor conferido pela
Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Orientador: Professor Doutor Jorge Melo Serrano

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Lisboa

2012

EPÍGRAFE

Aqueles que passam por nós, não vão sós,
Deixam um pouco de si levam um pouco de nós.

Antoine de Saint Exupéry

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os alunos com necessidades educativas com quem já tive o prazer de trabalhar.

Cada um deles acrescentou algo de bom à minha vida; cada um deles me ensinou alguma coisa.

É o facto de trabalhar com esta população que me faz procurar conhecimento, tentar ser mais competente para poder responder às suas necessidades e ir de encontro às expetativas de quem está responsável por eles.

Tudo o que de bom possa: fazer por eles; com eles ou para eles; é pouco...eles têm direito e merecem o melhor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido pelo apoio incondicional e incentivo ao longo de todo este processo, pois sem ele não teria retomado esta tarefa.

Obrigado à minha família pelo carinho e compreensão por todos os momentos em que estive ausente ou pouco presente, por estar envolvida no mestrado.

Estou muito grata ao meu orientador, o professor Jorge Serrano, pelo apoio e disponibilidade para me orientar na realização deste trabalho.

O meu muito obrigado às colegas que aceitaram participar neste estudo e me concederam as entrevistas, pois sem o seu testemunho não teria conseguido concluir com êxito o trabalho a que me propus.

Às minhas colegas e amigas que frequentaram este mestrado comigo e que tanto me apoiaram nos momentos mais difíceis...e foram alguns!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo produzir contributos suscetíveis de melhorar a atitude dos professores titulares de turma face à participação de alunos com multideficiência na sua sala de aula. Pretende-se auxiliar os professores na análise da situação, identificando as situações problema e, a partir daí, desenvolver sugestões que os ajudem a tornar a escola mais inclusiva.

Foi utilizada uma metodologia qualitativa. A recolha de dados foi feita através de entrevistas estruturadas aos professores participantes: professores titulares de turma e docentes de educação especial que trabalham com alunos portadores desta problemática.

Os resultados deste estudo permitem concluir que os professores titulares de turma concordam com a inclusão, no entanto sentem dificuldades em lidar com os casos de alunos com multideficiência na sua sala nomeadamente falta de disponibilidade para responder adequadamente às necessidades dos alunos, dificuldades na planificação e na preparação de materiais adequados.

Como causas para as dificuldades sentidas, indicaram maioritariamente a falta de formação: tanto a nível da formação inicial como na formação contínua. Apontam também o elevado número de alunos por turma, a heterogeneidade das turmas e a falta de recursos humanos e materiais.

Os docentes de educação especial são de opinião que a falta de formação específica, o elevado número de alunos por turma, a heterogeneidade das turmas e as diferentes necessidades implícitas condicionam a atitude dos professores ao receberem alunos com multideficiência na sua turma. Por outro lado apontam também a falta de linhas orientadoras e a falta de articulação entre os técnicos que compõem a equipa.

Como sugestões de resolução do problema são indicadas a redução do número de alunos por turma, mais apoio docente e não docente dentro da sala de aula, novos modelos de organização da sala de aula e definição de estratégias de trabalho, o desenvolvimento de ações de sensibilização para a diferença e o aumento das oportunidades de relacionamento entre todos os alunos.

PALAVRAS CHAVE

Multideficiência; Necessidades Educativas Especiais; Inclusão; Unidade de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência.

ABSTRACT

This paper aims to produce susceptible contributions to improve the attitude of class teachers against the participation of students with multiple disabilities in their classroom. It is intended to assist teachers in analyzing the situation, identifying problem situations and, from there, develop suggestions to help them make the school more inclusive.

We used a qualitative methodology. Data collection was done through structured interviews with participating teachers: class teachers and special education teachers who work with students with this problem.

The results of this study show that class teachers agree with the inclusion nevertheless find it difficult to deal with cases of students with multiple disabilities in their classroom including lack of readiness to respond adequately to the needs of students, difficulties in planning and preparation of suitable materials.

The causes for the difficulties mostly indicated were the lack of training: both initial training and continuing training. Also indicate the high number of students per class, the heterogeneity of the groups and the lack of human and material resources.

The special education teachers are of the opinion that the lack of specific training, the high number of students per class, the heterogeneity of the different classes and needs implied condition the attitude of teachers to receive students with multiple disabilities in your class. Moreover also highlight the lack of guidelines and lack of coordination between the technicians who make up the team.

As suggestions for solving the problem, are indicated to reduce the number of students per class, plus supporting teaching and non-teaching staff in the classroom, new models of organization of the classroom setting and work strategies, the development of sensitization actions for the difference and the increased opportunities of relationship among all students.

KEYWORDS

Multiple disabilities, Special Educational Needs, Inclusion, Support Unit Education of Students with multiple disabilities.

ABREVIATURAS

MD – Multideficiência

EE – Educação Especial

PT1 - Professor Titular de Turma - 1

PT2 - Professor Titular de Turma - 2

PT3 - Professor Titular de Turma - 3

PT4 - Professor Titular de Turma - 4

DEE1 – Docente de Educação Especial 1

DEE2 – Docente de Educação Especial 2

DEE 3 – Docente de Educação Especial 3

SIGLAS

AEDEE – Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial
ANIP – Associação Nacional de Intervenção Precoce
APAJEFATIMA – Associação de Pais dos Jardins e Escolas de Fátima
APPC – Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral
ATL – Atividades de Tempos Livres
AVD- Atividades da Vida diária
CANTIC – Centro de Avaliação em Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
CEI – Currículo Específico Individual
CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade
CRI – Centro de Recursos para a Inclusão
CRTIC- Centro de Recursos de Tecnologias de Informação e Comunicação
DGIDC- Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
EBS – Escola Básica e Secundária
EB1 – Escola Básica de 1º ciclo do ensino básico
ESE – Escola Superior de Educação
FEEI- Fórum de Estudos de Educação Inclusiva
IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social
JI – Jardim de Infância
ME – Ministério da Educação
NEE – Necessidades Educativas Especiais
PEI – Programa Educativo Individual
PIT – Plano Individual de Transição
Projeto MAAIS – Projeto (multidisciplinaridade, avaliação, acompanhamento, intervenção e socialização)
SPO- Serviços de Psicologia e Orientação
TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação
UAEAM –Unidade de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
WC –Watercloset
1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

ÍNDICE

EPÍGRAFE	3
DEDICATÓRIA.....	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
ABREVIATURAS	8
SIGLAS	9
ÍNDICE DE FIGURAS	13
ÍNDICE DE QUADROS	14
ÍNDICE DE APÊNDICES	15
INTRODUÇÃO.....	16
BIOGRAFIA PROFISSIONAL	18
1 – INTROITO	19
2- EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DESENVOLVIDA NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS	19
2.1- Funções exercidas.....	19
2.2- Reflexão autobiográfica.....	23
IDENTIFICAÇÃO DE SITUAÇÃO PROBLEMA EM CONTEXTO PROFISSIONAL	27
1- CONTEXTUALIZAÇÃO.....	28
1-1 – Caracterização sociogeográfica	28
1.2 - – Principais Atividades Económicas.....	28
1.3 - População.....	29
1.4 – A Escola	29
1.5 – A Unidade de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência.....	29
1.5.1- Funcionamento	30

1.5.2 – Caraterização dos alunos.....	30
1.5.3 – Recursos Físicos e Humanos.....	31
2 – FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E QUESTÕES DE PESQUISA	32
2.1 – Situação problema.....	32
2.2 – Questões de pesquisa.....	33
2.3 – População alvo	34
3 – PROPÓSITOS DO TRABALHO.....	34
3.1 – Objetivo geral.....	34
3.2 – Objetivos específicos	35
PROPOSTA DE RESOLUÇÃO DO PROBLEMA.....	36
1 – APROFUNDAMENTO COMPREENSIVO DO PROBLEMA.....	37
1.1 – Instrumentação de recolha de dados	37
1.1.1 – Entrevista	37
1.2 – Recolha de Informação Empírica.....	38
1.3 – Caracterização aprofundada do problema.....	39
1.3.1 – Opinião sobre Inclusão	40
1.3.2 – Grau de preparação para lidar com alunos portadores de NEE.....	41
1.3.3 – Dificuldades sentidas na lidação com alunos com NEE.....	42
1.3.4 – Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD.....	43
1.3.5 – Opinião que os Professores Titulares de turma têm sobre o trabalho do docente de educação especial (DEE)	43
1.3.6- Opinião do DEE sobre a sobre atitude dos PT ao receber alunos com MD na sua turma	44
1.3.7 – Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos com multideficiência	45
2 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS	46
2.1 – Abordagem concetual.....	46
2.1.1 - Inclusão	46
2.1.2 – Educação Inclusiva	47
2.2 – Princípios para a promoção da qualidade da Escola Inclusiva	48
2.3 – Atitudes dos professores face à inclusão.....	50

2.3.1 – Definição de Atitude.....	50
2.3.2 – Atitudes dos professores face à inclusão	51
2.4 – Alunos com Necessidades Educativas Especiais	52
2.5 – Multideficiência	53
2.5.1 – Definição.....	53
2.5.2 – Implicações Educacionais da Multideficiência	53
2.6 – Unidade de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência	55
3 – CARATERIZAÇÃO CIENTÍFICA DO PROCESSO INCLUSIVO.....	56
4 – ORIENTAÇÕES PARA A INTERVENÇÃO	57
4.1 – Multideficiência e Inclusão	57
4.2 – Estratégias Educativas.....	60
4.3 – Formação de professores.....	61
5 – PLANIFICAÇÃO	62
5.1 – Introito.....	62
5.2 – Pressupostos	62
6 – QUADRO DE PLANIFICAÇÃO	63
7 – SÍNTESE CONCLUSIVA	65
8 – LINHAS EMERGENTES DE PESQUISA.....	67
FONTES CONSULTADAS.....	67
Bibliográficas	67
Webgrafia	68
LEGISLAÇÃO.....	69

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Limitações das crianças com MD e suas implicações educativas.....	54
--	----

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologia de problemáticas dos alunos que frequentam a UAEAM....	31
Quadro 2 – Caraterização dos professores entrevistados.....	34
Quadro 3 – Diferenças de desenvolvimento entre crianças sem e com multideficiência.....	55
Quadro 4 – Sistematização das propostas de intervenção.....	63

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice I- Entrevista realizada aos Professores titulares de Turma (PT1, PT2, PT3 e PT4).....	i
a – Guião.....	ii
I b - Protocolo da Entrevista ao Professor Titular de Turma – PT1.....	vi
I c- Grelha de análise de conteúdo da entrevista a PT1.....	xi
I d - Protocolo da Entrevista ao Professor Titular de Turma – PT2.....	xiv
I e - Grelha de análise de conteúdo da entrevista a PT2.....	xviii
I f - Protocolo da Entrevista ao Professor Titular de Turma – PT3.....	xxi
I g) - Grelha de análise de conteúdo da entrevista a PT3.....	xxiv
I h) - Protocolo da Entrevista ao Professor Titular de Turma – PT4.....	xxvii
I i) - Grelha de análise de conteúdo da entrevista a PT4.....	xxxii
Apêndice II - Entrevista aos Docentes de Educação Especial (DEE1, DEE2 e DEE3)	xxxv
II a- Guião.....	xxxvi
II b) –Protocolo da entrevista a DEE1.....	xl
II c) – Grelha de análise de conteúdo da entrevista a DEE1.....	xlvi
II d) - Protocolo da entrevista a DEE2.....	l
II e) - Grelha de análise de conteúdo da entrevista a DEE2.....	lv
II f) - Protocolo da entrevista a DEE3.....	lix
II g) - Grelha de análise de conteúdo da entrevista a DEE3.....	lxiii
Apêndice III - Grelha de Análise de conteúdo das Entrevistas	lxvii
III a) - Grelha de Análise de conteúdo das Entrevistas a PT1, PT2, PT3 e PT4.....	lxviii
III b) - Grelha de Análise de conteúdo das Entrevistas a DEE1, DEE2, DEE3.....	lxxiv
Apêndice IV - Quadro síntese dos dados recolhidos nas entrevistas aos professores titulares de turma, por categorias de análise	lxxxii
Apêndice V - Quadro síntese dos dados recolhidos nas entrevistas aos docentes de Educação Especial, por categorias de análise.....	lxxxv

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi realizado no âmbito do Curso de Mestrado em Educação Especial no domínio Cognitivo e Motor e tem como principal objetivo saber como mudar a atitude dos professores titulares de turma face à participação dos alunos com multideficiência em contexto de sala de aula. Mais especificamente pretende-se responder às seguintes questões:

- a) Qual a opinião dos docentes sobre a inclusão?
- b) Que tipos de formação específica detêm os docentes para lidar com alunos com NEE?
- c) Que tipo de formação, entendem os docentes ser necessária, para aquele efeito?
- d) Que dificuldades percecionam os docentes titulares de turma, para trabalharem com crianças com multideficiência?
- e) O que acham os docentes sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com multideficiência?
- f) Qual a opinião do docente de educação especial sobre a forma como os professores titulares de turma reagem à inclusão de alunos com multideficiência?
- g) Que acham os docentes ser necessário – para além da formação específica – haver nas escolas para melhorar a inclusão dos alunos em estudo?

A escolha deste tema de investigação deve-se ao facto de, com a publicação do Dec. Lei 3/2008 e a consequente criação das Unidades especializadas nas escolas regulares, cada vez haver um maior número de alunos com problemáticas severas, sendo a multideficiência o exemplo mais evidente, a frequentar as escolas regulares fazendo parte das turmas. Verifica-se no entanto que, nem sempre este é um processo simples e que a Inclusão fica longe de acontecer.

De acordo com Correia, (2003)

“...os alunos com NEE só beneficiam do ensino ministrado nas classes regulares quando existe uma congruência entre as suas características, as suas necessidades, as expectativas e atitudes dos professores e os apoios adequados. Caso contrário...da inclusão passamos à exclusão funcional...”
(p.15).

Este trabalho está estruturado da seguinte forma:

Inicialmente apresenta-se a biografia profissional com o resumo da experiência profissional dos últimos três anos, com dois pontos: o primeiro referente às funções exercidas e no segundo ponto uma pequena reflexão autobiográfica.

A parte II deste relatório corresponde à identificação da situação problema verificada em contexto profissional. No primeiro ponto faz-se a contextualização e posteriormente a descrição genérica do problema que se pretende resolver. No terceiro ponto elaboram-se as questões para as quais se procura encontrar respostas e, finalmente, no quarto ponto apresentam-se os propósitos do trabalho: um objetivo geral e os objetivos específicos.

Na Parte III apresenta-se a proposta de resolução do problema. Esta parte está subdividida em três momentos: no primeiro há um aprofundamento compreensivo do problema em que se faz referência à entrevista como o método de recolha de dados e se explica como foi feito o seu tratamento e também a caracterização aprofundada do problema tendo em conta os dados obtidos; no segundo momento apresentamos os fundamentos teóricos com a exploração do conceito de Inclusão, Escola Inclusiva, Necessidades Educativas Especiais, Multideficiência e Unidades de Apoio à Educação de alunos com Multideficiência, com base nos diferentes autores consultados e os seus contributos para a resolução ou melhoria da situação problema; o terceiro momento consiste na elaboração de uma proposta de intervenção para a situação apresentada.

Após a síntese conclusiva surgem, para finalizar, as linhas emergentes de pesquisa onde se apontam alguns aspetos pertinentes do trabalho e que podem ser úteis para a realização de outros trabalhos de investigação.

PARTE I

BIOGRAFIA PROFISSIONAL

1 – INTROITO

No desenvolvimento do percurso profissional, desde cedo, quase por acaso, surgiu a oportunidade de trabalhar na educação especial através de um convite para trabalhar numa Escola de Educação Especial – Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). O desafio era enorme pois, à data, a formação em educação especial consistia na que foi obtida ao longo da formação inicial e que se veio a mostrar visivelmente insuficiente para o desempenho das funções inerentes à função. Considerando o desafio irrecusável, a partir de 2001/02 a Educação Especial (EE) passou a ser a área de trabalho.

As necessidades de formação depressa se fizeram sentir, agravadas ainda pelo facto de trabalhar exclusivamente com uma população portadora de multideficiência.

Desde esse momento houve a preocupação de fazer formação que fornecesse conhecimentos teóricos e, acima de tudo, que os pudesse pôr em prática em função dos alunos e da sua aprendizagem/desenvolvimento. No entanto, a realidade mostrou que os conhecimentos já adquiridos não são suficientes, há ainda muito a aprender e compreender para que os resultados possam melhorados.

2- EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DESENVOLVIDA NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS

2.1- Funções exercidas

Ao longo dos últimos três anos desempenhei funções de professora de Educação Especial num agrupamento do Concelho de Ourém, onde tive oportunidade de trabalhar com alunos de todos os ciclos de ensino, desde Jardim de Infância ao Ensino Secundário, obtendo diferentes experiências e resultados.

No ano letivo 2008/09 apoiei alunos do jardim de infância de Boleiros-Maxieira: uma criança com sequelas de traumatismo crânio encefálico o qual provocou alterações ao nível das funções motoras, cognitivas e na linguagem; uma criança com Paralisia Cerebral por anoxia à nascença e duas crianças com Atraso Global do Desenvolvimento com especial incidência na área de Comunicação/Linguagem. Nos

anos letivos 2009/10 e 2010/11 dei continuidade a esse apoio; à exceção do primeiro caso referido que entretanto ingressou no 1º CEB.

Trabalhei individualmente com os alunos, respeitando as necessidades específicas. Em articulação com as educadoras do grupo, procurei proporcionar-lhes as experiências do grande grupo com as devidas adequações às suas necessidades. Realizei trabalho de treino de autoalimentação com uma das crianças. Foi utilizado o computador e software educativo para facilitar as aprendizagens e estimular o desenvolvimento de competências essenciais a estes alunos;

No ano letivo 2008/09 o serviço letivo nas EB1 das localidades de Bairro e Boleiros, da freguesia de Fátima, compreendeu o acompanhamento/apoio a cinco (5) alunos, sendo que um deles usufruía de currículo específico individual (CEI), um usufruiu de adequações curriculares e os restantes de adequações no processo de avaliação e apoio pedagógico personalizado prestado pela docente de educação especial, conforme prevê a legislação em vigor- Dec. Lei 3/2008 de 7 de janeiro. Também apoiei as docentes das diferentes escolas na definição de estratégias e organização das atividades programadas para os alunos;

Nos anos letivos 2009/10 e 2010/11 desempenhei funções na EB1 Boleiros, JI Boleiros/Maxieira e também na escola sede de agrupamento - Escola Básica e Secundária (EBS) onde apoiei alunos de todos os ciclos, com os quais foi realizado trabalho de reeducação pedagógica e reforço das aprendizagens escolares. O apoio aos alunos foi realizado nas salas de aula com a turma, na sala de apoio e também, ao acompanhar um aluno no desenvolvimento do currículo específico individual (CEI), no refeitório, nos espaços escolares e na comunidade.

Há a salientar a implementação do Plano Individual de Transição (PIT) com o aluno que usufrui de CEI na EBS, o qual está a ter muito sucesso.

No que respeita ao serviço não letivo para além do que me foi pedido enquanto docente de Educação Especial, nos anos letivos 2008/09 e 2009/10, desempenhei também as funções de Coordenadora do Grupo 910 em continuidade dos anos anteriores. Ao longo do tempo em que me foram atribuídas essas funções:

- Representei, nas diferentes estruturas, a Educação Especial e, por vezes, o Agrupamento;

- Promovi a articulação dos docentes com os técnicos do Projeto MAAIS - parceria com o Centro de Recursos para a Inclusão (CRI) a que pertencem os técnicos:

Terapeuta da Fala, Terapeuta Ocupacional e Técnico Superior de Educação Especial e Reabilitação);

- Depois de apuradas as necessidades de formação do grupo, providenciei junto do órgão de gestão do Agrupamento, que essas necessidades fossem suprimidas, com especial relevância a formação sobre Classificação Internacional de Funcionalidade no ano letivo 2008/09 – ainda anteriormente às ofertas de formação do Ministério da Educação na área;

- Promovi a articulação com as outras estruturas e serviços do Agrupamento com vista ao desenvolvimento de estratégias de diferenciação pedagógica;

- Promovi a troca de experiências e cooperação entre todos os docentes que integram a Educação Especial;

- Apresentei à Direção Executiva um Relatório Crítico Anual, do trabalho desenvolvido pela Equipa de Educação especial;

Além das funções exigidas pelo cargo (em 2008/09 e 2009/10), o tempo não letivo de estabelecimento foi também destinado a reuniões, avaliação de alunos, elaboração de relatórios e outras atividades necessárias decorrentes das funções exercidas.

Participei ativamente nos vários projetos e atividades desenvolvidas pelo Agrupamento de acordo com as metas do Projeto Educativo e do Plano Anual de Atividades do agrupamento, mais especificamente ligados à Educação Especial, em articulação com todos os ciclos.

Assim:

- Procurei fomentar atitudes e valores que conduzam à consciencialização da importância do ser humano, na sua dimensão física, intelectual e ética e contribuir para que cada vez mais se encare a diferença como forma de enriquecimento cultural e humano, por exemplo através da ação de sensibilização e atividade desenvolvida no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência e também nas atividades do quotidiano;

- Implementei metodologias de trabalho que promoveram a autonomia, o espírito crítico e a abertura à inovação e à mudança, integrando, de uma forma transversal, as tecnologias da informação.

- Procurei promover hábitos de leitura nos alunos que apoiei, diretamente, e na restante turma de forma indireta;

- Esforcei-me por envolver ativamente os alunos no seu processo de aprendizagem;

- Desenvolvi estratégias para intensificar o processo de ligação Escola – Família, nomeadamente no acompanhamento dos mesmos a Consultas (dei conhecimento da minha disponibilidade e, por mais de uma vez, foi-me solicitado esse acompanhamento);

- Colaborei na organização e participei na ação de sensibilização sobre dislexia organizada pelo grupo de Educação Especial, no âmbito do Plano Anual de Atividades do Agrupamento.

Realizei as seguintes ações de formação:

- Divulgação da Plataforma MOODLE para a Educação Especial, no Centro de Competências TIC da ESE Santarém, no dia 2 de abril de 2009, das 9.30h às 12.30h.

- XVIII Curso Intensivo de Desenvolvimento (0-5 anos), promovido pela ANIP – Associação Nacional de Intervenção Precoce, nos dias 22 e 23 de junho de 2009, com a duração de 11 horas.

- Competências Digitais (nível 1): Curso C, de 29/06/2010 a 8/07/2010, pelo Centro de Formação "Os Templários", com a duração de 15 horas, tendo obtido a classificação de excelente com 9.5 valores, a que correspondem 0.6 créditos.

- Gestão das Necessidades Educativas Especiais que decorreu de 22/05/2010 a 26/06/2010, na Escola Superior de Educação Almeida Garrett, com a duração de 30 horas presenciais + 30 horas autónomas, tendo obtido a classificação de excelente com 9.7 valores, a que correspondem 2.4 créditos;

- Ensino e Aprendizagem com TIC nas Necessidades Educativas Especiais, de 26/11/2010 a 18/12/2010, pelo Centro de Formação "Os Templários", com a duração de 15 horas, tendo obtido a classificação de excelente com 9.8 valores, a que correspondem 0.6 créditos.

- *Workshop* "Autismo - abordagem médica, educacional e terapêutica, promovido pela Escola de Artes SAMP no dia 16/01/2011, com a duração de 3 horas;

- 1º Encontro Nacional Superar Barreiras Com TIC: políticas, Ideias e Práticas, nos dias 17/06/2011 e 18/06/2011, na Universidade Aveiro, com a duração de 15 horas, tendo obtido a classificação de excelente/ 9.8 valores, a que correspondem 0.6 créditos.

- Avaliação em Dislexia, no dia 4 de julho de 2011, na Escola Básica e Secundária de Ourém, com a duração de 3h e 30m.

Todas as formações que realizei durante este período, estiveram relacionadas com a especificidade do meu trabalho, daí o seu contributo ter sido enorme.

2.2- Reflexão autobiográfica

Mediante a reflexão relativa à minha experiência profissional anterior procurei respeitar e operacionalizar os objetivos do Projeto educativo do Agrupamento e do Plano Anual de Atividades no sentido de promover uma Educação Inclusiva:

- Eliminar barreiras que se colocam à atividade e participação plena dos alunos na construção das aprendizagens;
- Criar laços e um ambiente de confiança e respeito mútuos com os alunos que favoreçam o seu desenvolvimento;
- Implementar estratégias e soluções para os problemas surgidos no desenvolvimento da prática pedagógica.

Na EB1 apoiei alunos na sala de aula. Para um dos alunos com CEI foi elaborado um Projeto de Transição, através do qual eu acompanhei o aluno ao Colégio para onde iria no ano letivo seguinte, articulando com professores e Serviços de Psicologia e Orientação (SPO) com o objetivo de que a mudança de escola pudesse ser o menos perturbadora possível. Infelizmente, um mês após o início das aulas, por dificuldades de adaptação (ou porque precisava de maior tempo de preparação ou porque os recursos afetados pela instituição não foram os suficientes, este aluno foi encaminhado para uma instituição de educação especial da localidade (IPSS). Para outro dos alunos que acompanhei neste período, pedi a intervenção do Centro de Avaliação em Novas tecnologias de Informação e Comunicação (CANTIC) e posteriormente Centro de Recursos e Tecnologias de Informação e Comunicação (CRTIC), para avaliação e consequente atribuição de equipamento informático (ajudas técnicas) uma vez que apresenta limitações motoras nos membros superiores.

Os equipamentos foram recomendados, o processo completado e enviado às entidades competentes mas nunca foram atribuídos durante o tempo em que foi aluno nas escolas do agrupamento. Atualmente frequenta um colégio do ensino particular e cooperativo (instituição existente na localidade - não há oferta de ensino público para 2º, 3º ciclo e secundário) pelo que se desconhece a sua situação.

Para os restantes alunos foram elaboradas fichas, adaptados materiais e diversificaram-se as estratégias para que tivessem sucesso.

No ano 2009/10 por necessidade de reorganização da rede devida a ausência da docente que exercia funções na escola sede de Agrupamento e pelas funções por mim exercidas à data (coordenadora do grupo) houve necessidade de reorganizar a minha rede de apoio pelo que continuei a acompanhar os casos do JI, por serem os que mais beneficiariam com a continuidade do docente de educação Especial e o restante tempo desempenhei funções na escola sede de Agrupamento. Aí, organizei a vinda de um aluno com graves limitações e com Currículo Específico Individual para aquela escola pela 1ª vez, sendo que também era a 1ª vez que aquela escola iria receber um aluno com aquele perfil de funcionalidade. Em reunião de conselho de turma., no início do ano, foi sugerido aos colegas que o aluno fosse, durante 1 mês, a todas as aulas com a turma e após esse período a equipa voltaria a reunir para se decidirem quais as disciplinas a que o aluno não beneficiaria por estar presente. Esta sugestão foi feita com o objetivo de o aluno ter oportunidade de conhecer e conviver com todos os colegas da turma e professores. Simultaneamente seria assim mais fácil que aprendesse a rotina da escola e conhecesse todos os espaços, competência importante para a sua autonomia. Foi também possível que um dos professores de educação física, no seu tempo de componente de estabelecimento, acompanhasse o aluno nessas aulas com a turma e o apoiasse na realização dos exercícios propostos e dirigidos pelo professor da turma. A algumas disciplinas que o aluno frequentava com a turma, a docente de (EE) acompanhava-o.

Esta medida foi um sucesso e serviu para desmistificar um pouco, junto dos professores mais céticos, o facto de terem um aluno com capacidades tão diferentes na sua sala de aula. Hoje, ele é muito bem aceite por todos, faz parte do grupo e é tratado com respeito. Os encarregados de educação que no início se mostravam apreensivos e preocupados, estão satisfeitos com o apoio que é dado ao seu educando e felizes por terem optado pela escola regular em detrimento da institucionalização (pensa-se que em carácter excecional teriam obtido autorização para tal).

O apoio prestado aos restantes alunos da escola sede decorreu fora da sala de aula, individualmente ou em pequeno grupo. Dado o número de alunos a apoiar, o tempo de apoio prestado é manifestamente pouco o que põe em causa a efetividade do apoio e o sucesso do trabalho. Quarenta e cinco ou noventa minutos semanais, em muitos casos, é pouco para a necessidade.

Na minha opinião, a qual já fiz saber mas não foi implementada, alguns dos alunos da rede de Educação Especial poderiam ser apoiados em trabalho individual por outros professores na sua componente de estabelecimento, libertando o docente de Educação Especial para os casos realmente graves.

No ano 2010/11 foi estabelecido um acordo de cooperação entre o Agrupamento e o Município para a implementação do PIT do aluno suprarreferido e que consiste na deslocação ao refeitório do Fundo Social dos trabalhadores da Câmara Municipal e aí colabore nas atividades desenvolvidas: arrumar talheres e guardanapos nos envelopes, seleccionar fichas de diferentes cores (fichas usadas para seleccionar ementas,...)

Como docente, penso ter contribuído ativamente para a melhoria das aprendizagens dos alunos, tendo sempre presente a diversidade e a individualidade de cada um.

No exercício da minha prática pedagógica, procurei adequar estratégias, atividades e metas às necessidades e características de cada um dos alunos com quem trabalhei de modo a eliminar ou diminuir as barreiras que se colocam à atividade e participação plena na vida escolar e, assim, promover o sucesso educativo.

Em articulação com o docente titular de turma e com os demais técnicos implicados no processo educativo, incluindo a família, procurei criar condições para que os alunos realizassem as suas tarefas o mais autonomamente possível estimulando a sua autoconfiança.

Penso que a relação afetiva estabelecida com os alunos e a comunidade educativa foi um elemento facilitador das aprendizagens e da motivação pela escola. Para obter um conhecimento prévio da forma de intervenção, estabeleci contatos com os alunos com o fim de conhecer as suas motivações escolares e extraescolares, os seus objetivos e o contexto socioafetivo. Assim, pude definir formas de abordagem adaptadas às características individuais de cada aluno visando sempre a aquisição eficaz das competências.

Parece-me que as estratégias e demais medidas implementadas, na sua grande maioria, foram eficazes.

No que diz respeito à componente não letiva, o tempo de estabelecimento destinado à avaliação de alunos e à preparação/organização de materiais e outros documentos foi muito profícuo.

Todas as reuniões de grupo, de departamento, multidisciplinares, de conselho de turma, bem como os contactos formais e informais com os pais e encarregados de educação foram muito importantes pois permitiram articular e definir procedimentos, assim como inteirar-me dos assuntos na sua generalidade respeitantes ao funcionamento do Agrupamento.

No desempenho das funções de coordenadora de grupo procurei sempre estar atenta às necessidades dos colegas do grupo, procurei estar atenta e informada para poder esclarecer os colegas sempre que as dúvidas surgiram; transmiti com rigor as informações que me chegaram das diferentes reuniões onde foi solicitada a minha presença, procurei estar disponível e interessada em colaborar com o Órgão de Gestão na resolução de todas as questões com que nos debatemos ao longo dos anos; representei o melhor que pude o Agrupamento e especificamente o grupo de Educação Especial junto de outras instituições; procurei obter formação tanto a nível pessoal como formação para o grupo dentro das áreas em que sentíamos maiores lacunas e dificuldades, algumas foram conseguidas outras estão a sê-lo presentemente. Procurei colaborar com as equipas do ME responsáveis pela monitorização do trabalho do grupo, as quais nos deram os parabéns pela forma de organização e desenvolvimento do trabalho.

PARTE II

IDENTIFICAÇÃO DE SITUAÇÃO PROBLEMA EM CONTEXTO PROFISSIONAL

1- CONTEXTUALIZAÇÃO

1-1 – Caracterização sociogeográfica

A freguesia de Fátima pertence ao concelho de Ourém, distrito de Santarém e compreende as localidades de Cova da Iria, Fátima-Sede, Moita Redonda, Aljustrel, Casa Velha, Moimento, Eira da Pedra que se inserem dentro do limite da cidade de Fátima, e a restante freguesia da qual fazem parte as aldeias: Alveijar, Amoreira, Boleiros, Casal Farto, Casal de Santa Maria, Casalinho, Chã, Gaiola, Giesteira, Lomba, Lombo d'Égua, Lameira, Maxieira, Moitas, Montelo, Ortiga, Pederneira, Pedreira, Poço de Soudo, Ramila, Vale de Cavalos, Vale de Porto, Valinho de Fátima. A freguesia tem 71,29Km² de área.

Fátima é uma cidade que pertence ao concelho de Ourém. A freguesia de Fátima foi fundada em 1568, após a sua desagregação da Colegiada de Ourém.

Tornou-se mundialmente conhecida pelas aparições marianas aos três pastorinhos (Lúcia, Francisco Marto e Jacinta Marto) que aí tiveram lugar entre 13 de maio e 13 de outubro de 1917.

A construção do Santuário de Fátima trouxe desenvolvimento ao local, tendo sido elevada a cidade em 12 de julho de 1997.

Várias instituições religiosas acolhem crianças vindas de contextos sociais e familiares problemáticos, as quais passam a frequentar Escolas do Agrupamento, contexto onde se desenvolve este trabalho. Alguns destes alunos, fazem parte da rede de educação especial.

Em Fátima existe também uma grande instituição da União das Misericórdias Portuguesas (Centro João Paulo II) que recebe pessoas portadoras de deficiência, muitas delas crianças, de todo o país. É de referir que, dos seis alunos que frequentam a Unidade de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência (UAEAM), três pertencem a esta instituição.

1.2 - – Principais Atividades Económicas

As principais atividades económicas existentes na freguesia são a Indústria (maioritariamente indústria hoteleira), indústria transformadora (mármore, madeiras), construção civil, comércio e serviços. Sendo um dos grandes cartões-de-visita do

turismo nacional, Fátima recebe anualmente um montante superior a quatro milhões de visitantes (peregrinação e turismo).

1.3 - População

Segundo os dados dos últimos censos disponibilizados no sítio virtual da junta de freguesia (2011), Fátima tem 11788 habitantes. Destes 2196 tinham à data, idade inferior a 18 anos.

1.4 – A Escola

Esta UAEAM está em funcionamento desde o início deste ano letivo. Está localizada num dos Centros Escolares de Fátima. O Centro Escolar foi inaugurado no presente ano e resulta do Programa de Revitalização do Parque Escolar, tendo aglutinado as escolas do 1º CEB das aldeias da periferia da freguesia de Fátima, nomeadamente a EB1de Casa Velha, EB1 Giesteira, EB1 de Fátima e a EB1 de Cova da Iria.

Neste Centro Escolar funcionam oito (8) salas de 1º CEB, quatro (4) salas de Pré-escolar e a UAEAM. Semanalmente, a terapeuta da fala do Centro de Recursos para a Inclusão (CRI) desloca-se a este Centro Escolar para atender os alunos da rede de Educação Especial que usufruem do apoio. Ali funcionam também as Atividades de Tempos Livres (ATL), da responsabilidade da Associação de Pais dos Jardins e Escolas de Fátima (APAJEFATIMA), a qual é também responsável pelo serviço de almoços.

O Centro Escolar pertence ao Agrupamento de Escolas de Ourém que foi formado em 2007, por imposição do Ministério da Educação, e agregou os Agrupamentos horizontais (pré escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico) de Fátima e Olival com a escola Secundária, a qual foi convertida em Escola Básica e Secundária.

1.5 – A Unidade de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência

A UAEAM foi criada para responder às necessidades sentidas pelo agrupamento a fim de dar uma resposta adequada aos alunos portadores de multideficiência matriculados nas escolas do mesmo. Anteriormente todos estes alunos eram encaminhados para as Instituições de Educação Especial existentes em Fátima: Centro de Recuperação Infantil de Fátima e Escola de Educação Especial “Os

Moinhos”, por não existirem condições para os receber respondendo adequadamente às suas necessidades. Está em funcionamento desde o início do ano letivo 2011/12.

1.5.1- Funcionamento

A UAEAM funciona diariamente das nove horas às quinze horas e trinta minutos, alternando os alunos que a frequentam, assim como as professoras no desenvolvimento do seu trabalho. Grande percentagem dos alunos usufruem de diferentes terapias após essa hora em locais exteriores ao Agrupamento (APPC, residência, piscinas...) e por isso não houve necessidade de prolongar o funcionamento até às 17h e 30m.

Na UAEAM os alunos realizam atividades de foro académico e também de treino da autonomia e independência pessoal, orientação e mobilidade, comunicação e socialização. Sendo a preparação para a vida adulta/ para o futuro o grande objetivo destas Unidades, as Atividades da Vida Diária assumem especial importância e ocorrem nos diferentes espaços da escola e também da comunidade, por exemplo as deslocações ao exterior acompanhados por um dos professores ou auxiliar.

Dependendo do perfil de funcionalidade de cada um dos alunos, foi definido o tempo que cada um dos alunos passa neste espaço.

De acordo com o horário da turma a que pertencem, foi elaborado um horário de frequência da Unidade, de modo a que possam participar no maior número possível de atividades com os colegas sem necessidades educativas especiais e a professora titular da turma.

1.5.2 – Caracterização dos alunos

A UAEAM é frequentada por cinco alunos portadores de multideficiência, com idades compreendidas entre os sete e os doze anos de idade, que estão integrados nas turmas do centro escolar à exceção de uma aluna que frequenta a EBS e vai à UAEAM uma vez por semana.

O Quadro 1 apresenta a tipologia de problemáticas dos alunos que frequentam esta Unidade.

Quadro 1 – Tipologia de problemáticas dos alunos que frequentam a UAEAM.

Idade	Sexo	Problemática	Ano que frequenta
7	Feminino	Agenesia do corpo caloso (comprometimento cognitivo, dificuldades na comunicação e visão)	1º ano
9	Feminino	Paralisia cerebral (comprometimento motor e cognitivo)	2º ano
11	Masculino	Síndrome de Noonan (comprometimento cognitivo, motor e de saúde física)	4º ano
10	Feminino	Paralisia cerebral (comprometimento cognitivo e motor; dificuldades ao nível da visão e da comunicação)	3º ano
12	Feminino	Paralisia cerebral (comprometimento cognitivo, motor e dificuldades na comunicação)	5º ano

Fonte: Programa Educativo Individual (PEI) dos alunos.

1.5.3 – Recursos Físicos e Humanos

Para o funcionamento da UAEAM foi destinada uma sala de dimensões exíguas pois não foi contemplado o espaço no projeto de arquitetura deste novo complexo escolar. Anexo a esta sala existe um wc (que não é adaptado) utilizado por dois dos alunos que frequentam a Unidade. Os restantes alunos necessitam de ser deslocados ao WC adaptado que se localiza num outro espaço. Dispõe de dois computadores e teclados aumentados para utilização dos alunos, diminuindo assim algumas barreiras à sua participação.

Todos os espaços existentes na escola são passíveis de serem utilizados pelos alunos no desenvolvimento das suas aprendizagens, nomeadamente a Biblioteca, o Ginásio e os espaços exteriores

Os utilizadores da sala dispõem de ligação à Internet, software educativo apropriado à especificidade destes alunos (*Comunicar com Símbolos, Aventuras...* jogos

educativos, etc.). Foram adquiridos ao longo do ano, com verba disponibilizada pelo Agrupamento, outros jogos e materiais para treino de psicomotricidade, atenção/concentração, autonomia e expressões.

No que se refere aos recursos humanos, foram destacados dois docentes de educação especial a tempo parcial: um está 15 horas na Unidade, o outro está 10 horas; e também uma auxiliar de ação educativa a tempo inteiro.

2 – FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E QUESTÕES DE PESQUISA

2.1 – Situação problema

Ao longo do tempo, ainda anteriormente à existência da UAEAM, tem-se verificado que os professores titulares de turma, salvaguardando-se uma ou duas felizes exceções, ficam “contrariados” e apreensivos sempre que para a sua turma vem um aluno com necessidades educativas especiais mais evidentes, dos quais são os alunos com multideficiência o melhor exemplo por apresentarem maiores limitações.

O relatório síntese, apresentado pela Agência Europeia para o Desenvolvimento em Necessidades Educativas Especiais (2003), refere a importância do professor na implementação da inclusão,

“A atitude dos professores foi indicada como um factor decisivo na construção de escolas mais inclusivas. Se os professores não aceitarem a educação de todos os alunos como parte integrante do seu trabalho, tentarão que alguém (muitas vezes o professor especialista) assuma a responsabilidade pelos alunos com NEE e organize uma segregação “dissimulada” na escola (por exemplo classe especial)” (p.13).

Também Serrano (2005) reconhece a importância do professor para o sucesso da inclusão quando afirma que “quando os professores não desejam determinados alunos na sua classe, emergem dificuldades significativas no que respeita à concretização da inclusão” (p.289).

Constata-se que estes alunos, embora pertençam à turma, não fazem parte do grupo e não é evidente por parte dos professores titulares de turma a aceitação destes elementos como “seus”, delegando no professor de Educação Especial a responsabilidade. Com a existência da UAEAM na escola, o tempo que os alunos passam na sala de aula com a restante turma é diminuído, o que alivia a maioria dos professores. Rodrigues (2007), identifica “a permanência do aluno na sua turma e a

participação, como membro efectivo desta, em todos os aspectos da vida escolar, um dos pontos fundamentais” para que seja reconhecido como elemento da mesma; “caso contrário...muitos professores do ensino regular não assumem, na prática, a responsabilidade pela educação destes alunos que, sendo elementos constituintes da turma não são percebidos como tal” (p. 189).

Verifica-se também que não há a preocupação de incluir estes alunos nas atividades em que, claramente, poderiam participar e estar com o grupo, seguindo os princípios da Inclusão.

2.2 – Questões de pesquisa

Com base, tanto na reflexão sobre a experiência profissional, como na reflexão sobre o problema exposto, propõe-se a seguinte pergunta de partida:

Que tipo de aconselhamento a desenvolver para melhorar a atitude dos professores titulares de turma face à participação dos alunos com multideficiência em contexto de sala de aula?

Em consequência da questão problema identificada toda a investigação empírica foi levada a cabo com o fim de organizar os dados considerados adequados para definir o conteúdo do referido plano de aconselhamento.

Com base na pergunta de partida anterior formulam-se as seguintes subquestões de pesquisa:

- a) Qual a opinião dos docentes sobre a inclusão?
- b) Que tipos de formação específica detêm os docentes para lidar com alunos com NEE?
- c) Que tipo de formação, entendem os docentes, ser necessária para aquele efeito?
- d) Que dificuldades percebem os docentes titulares de turma, para trabalharem com crianças com multideficiência?
- e) O que acham os docentes sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com multideficiência?
- f) Qual a opinião do docente de educação especial sobre a forma como os professores titulares de turma reagem à inclusão de alunos com multideficiência?
- g) Que acham os docentes ser necessário – para além da formação específica – implementar nos contextos educativos para melhorar a inclusão dos alunos em estudo?

Estas subquestões configuraram o itinerário de construção e aplicação da instrumentação de recolha, no terreno, dos dados necessários para a apresentação de uma proposta de resolução da situação problema identificada.

2.3 – População alvo

A população alvo deste estudo são professores titulares de turma que integrem alunos com multideficiência e que se encontrem a frequentar a UAEAM. Por essa razão o número de professores titulares de turma envolvidos neste estudo é quatro (4). Embora os professores titulares de turma constituam os sujeitos nucleares, entendeu-se, também, incluir docentes de educação especial, uma vez que, no terreno, contactam diariamente com estes profissionais, conhecem as suas potencialidades e dificuldades e por se considerar que os mesmos forneceriam dados relevantes para a proposta de minimização do problema.

No Quadro 2, apresenta-se a caracterização sistematizada dos professores entrevistados, nomeadamente: idade, sexo, anos de serviço e ano que lecionavam à data da realização da entrevista.

Quadro 2 – Caracterização dos professores entrevistados.

Professor	Idade	Sexo	Anos de serviço	Ano que leciona
PT1	42	Feminino	22	2º
PT2	45	Feminino	25	3º
PT3	52	Feminino	23	1º
PT4	60	Feminino	23	2º
DEE1	37	Feminino	12	-----
DEE2	42	Feminino	14	-----
DEE3	40	Feminino	19	-----

Fonte: Dados recolhidos junto dos professores.

3 – PROPÓSITOS DO TRABALHO

3.1 – Objetivo geral

Este trabalho de projeto tem como objetivo geral produzir contributos suscetíveis de melhorar a atitude dos professores titulares de turma face à participação

de alunos com multideficiência na sua sala de aula. Pretendemos auxiliar os professores na análise da situação, identificando as situações problema e, a partir daí, desenvolver sugestões que os ajudem a tornar a escola mais inclusiva de forma a dar uma resposta adequada a cada um dos alunos que a frequenta, independentemente das suas especificidades.

3.2 – Objetivos específicos

Como objetivos específicos foram definidos os seguintes:

- a)** Conhecer a opinião dos professores acerca da inclusão;
- b)** Saber qual o nível de formação em necessidades educativas especiais que os professores detêm;
- c)** Identificar áreas fortes e fracas do seu conhecimento;
- d)** Identificar as principais dificuldades que os professores sentem/apresentam ao trabalhar com alunos com NEE;
- e)** Compreender qual a opinião dos docentes sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com multideficiência;
- f)** Procurar saber a opinião do docente de educação especial sobre a forma como os professores titulares de turma reagem à inclusão de alunos com multideficiência;
- g)** Identificar medidas a tomar - para além das de formação - para melhorar a inclusão dos alunos em estudo.

PARTE III

PROPOSTA DE RESOLUÇÃO DO PROBLEMA

1 – APROFUNDAMENTO COMPREENSIVO DO PROBLEMA

1.1 – Instrumentação de recolha de dados

Para responder às questões da investigação optámos por utilizar a entrevista como instrumento de recolha de dados de opinião, por ser aquela que mais se adequa ao nosso trabalho.

1.1.1 – Entrevista

A entrevista “consiste numa conversa intencional, normalmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas, dirigida por uma delas para obter informação sobre a outra” (Morgan, 1988, Bogdan & Biklen, 1994:134).

A entrevista foi estruturada de modo a possibilitar minimizar a variação entre as questões postas ao entrevistado e maior uniformidade em relação às respostas obtidas. As questões foram colocadas segundo uma ordem pré-estabelecida. Este tipo de entrevistas permite a replicação do estudo, obtendo dados igualmente fiáveis. Por outro lado, tem alguns inconvenientes: reduz ou anula a possibilidade de aprofundamento de questões que anteriormente não foram pensadas, as circunstâncias e elementos pessoais não são tidos em conta e a flexibilidade e a espontaneidade são reduzidas.

A entrevista realizada aos professores titulares de turma (Apêndice 1) é constituída por oito (8) blocos:

- A) Legitimação da entrevista;
- B) Opinião sobre inclusão;
- C) Grau de preparação para lidar com alunos com necessidades educativas especiais;
- D) Dificuldades sentidas na lidação com alunos com necessidades educativas especiais;
- E) Relação social entre alunos sem necessidades educativas especiais e os seus pares com multideficiência;
- F) Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos com multideficiência;
- G) Opinião acerca do trabalho do docente de educação especial;
- H) Finalização.

No Bloco A procede-se à legitimação da entrevista; no Bloco B pretende-se conhecer a opinião dos professores titulares de turma sobre a inclusão; no Bloco C o objetivo é identificar o nível de formação em necessidades educativas especiais que os professores detêm; no Bloco D pretende-se saber quais são as principais dificuldades que os professores sentem/apresentam ao trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais; no Bloco E procura-se perceber qual é a opinião dos professores titulares de turma sobre a relação dos alunos sem nee para com os seus pares com MD; no Bloco F o objetivo é saber quais as necessidades – para além das de formação – para melhorar o grau de inclusão dos alunos com MD; no Bloco G o objetivo é conhecer a opinião do professor titular de turma sobre o trabalho do docente de educação especial; no Bloco H pretende-se esgotar a recolha de informação e agradecer a disponibilidade e colaboração.

Da entrevista realizada aos professores de educação especial (Apêndice II) apenas se considera relevante para este estudo, a informação obtida pela questões do Bloco G – conhecer a opinião do docente de educação especial sobre a forma como o professor titular de turma reagem à inclusão de alunos com MD na sua turma. Por esse motivo, a síntese dos dados recolhidos por categorias de análise (Apêndice V) apenas refletem essa mesma categoria.

1.2 – Recolha de Informação Empírica

As entrevistas foram realizadas individualmente, a cada um dos professores que participaram neste estudo: quatro professores titulares de turma e três docentes de educação especial. Todos se encontram a trabalhar com alunos portadores de multideficiência que frequentam a Unidade de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência (UAEAM) sobre a qual incide este estudo.

A sua aplicação decorreu numa das salas de aula do complexo escolar onde funciona a referida UAEAM, estando presentes apenas o entrevistador e o entrevistado. A entrevista decorreu num ambiente informal e calmo, tendo sido gravada após concordância dos participantes.

Após a recolha dos dados, procedemos à transcrição das entrevistas respeitando o seu conteúdo, havendo da nossa parte, esforço para reproduzir, através da pontuação, a expressividade de cada um dos entrevistados (Apêndices I b), I d), I f), I g), II b), II d) e II f).

Concluída esta parte, iniciámos o tratamento da informação obtida recorrendo à análise de conteúdo.

Segundo Bardin, 2003, este procedimento é frequentemente utilizado quando se pretende trabalhar “material dito «qualitativo»”, nomeadamente entrevistas clínicas, estudos de motivação ou pesquisa fundamental.

Neste caso procedeu-se a um estudo de carácter qualitativo.

O mesmo autor define análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção /recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p.65).

Para tal, foi elaborada uma grelha de análise de conteúdo das entrevistas definindo categorias sobre as quais pretendemos recolher informação, tendo optado pela análise temática (Apêndice IV e Apêndice V). Segundo o mesmo autor esta forma de análise de conteúdo é a mais antiga e também a mais utilizada. “Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (p.153).

1.3 – Caracterização aprofundada do problema

A Inclusão de alunos com necessidades educativas especiais requer por parte de todos os agentes e comunidade educativa em geral, uma preparação e predisposição para a lidação com estes alunos e as problemáticas que apresentam.

Até há pouco tempo os alunos com multideficiência eram encaminhados para as instituições de educação especial desde muito cedo. Alguns frequentavam o jardim-de-infância, poucos frequentavam a escola de 1º CEB e nenhuns chegavam ao 2º CEB numa escola do ensino dito regular.

Com as alterações legislativas esta realidade mudou.

Atualmente, podem encontrar-se alunos com multideficiência em quase todas as escolas.

Estes alunos estão na escola, frequentam as suas turmas em alguns períodos do dia...mas estarão inclusos?

Das entrevistas realizadas aos professores, procura-se recolher informação sobre a forma como o atendimento aos alunos com MD se está a processar. Para tal,

foram recolhidos os testemunhos dos professores que, depois de analisados, se apresentam distribuídos pelos diferentes blocos consoante a temática abordada:

1.3.1 – Opinião sobre Inclusão

Quando questionados sobre a sua opinião sobre Inclusão, todos os entrevistados associam Inclusão com a integração de alunos com NEE na sala de aula.

Apenas o PT1 refere a necessidade de a escola dar oportunidades para os alunos com NEE participarem na sociedade, reconhecendo-lhes o direito a frequentar a mesma escola que os seus pares:

“...é a integração dos alunos com NEE numa escola de ensino regular, que lhes faculte todas as oportunidades, adaptando os seus currículos aos seus problemas específicos e respeitando todas as suas diferenças...”

O mesmo professor atribui à escola a obrigação de adaptar os currículos às necessidades dos alunos e de adequar as práticas tendo em conta a especificidade de cada aluno.

“...todas as crianças têm os mesmos direitos independentemente das suas diferenças, pelo que a escola deverá adequar as práticas pedagógicas de acordo com a diversidade dos seus alunos.”(PT1)

Esta opinião vem ao encontro do que a investigação aconselha, uma vez que Correia (2003), afirma que:

“a inserção de um aluno com necessidades educativas especiais em termos físicos, académicos e sociais na escola regular ultrapassa em muito o conceito de integração... mas sim assumir que a heterogeneidade se torna um factor muito positivo, desenvolvendo comunidades escolares mais ricas e mais profícuas”.(p.21)

Também a Declaração de Salamanca advoga que

“O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades. (UNESCO;1994, p.11).

Quando questionados sobre a Inclusão dos alunos com MD nas turmas, dois dos professores mostraram concordância sem reservas enquanto os restantes condicionaram a sua opinião pela existência, ou não, de recursos humanos e também pelo perfil de funcionalidade do aluno, mais precisamente o comportamento em sala de aula e a possível interferência do aluno no normal desenrolar das atividades em sala de aula:

“Os casos mais severos poderão estar na escola regular se houver a possibilidade de terem apoio direto e constante, dado que por vezes há alunos com NEE com atitudes/barulhos que provocam a distração/riso dos seus pares”(PT4);

“Sim, desde que não prejudiquem o aproveitamento escolar dos outros.” (PT3)

Todos os entrevistados reconhecem que a Inclusão é enriquecedora para todos os alunos, com e sem NEE, sendo o desenvolvimento de valores o aspeto positivo mais referido.

O PT2 reconhece que a escola não responde adequadamente *“...neste momento as escolas não dão a resposta adequada com falta de recursos humanos e físicos para esse tipo de alunos”* enquanto PT4 atribui as dificuldades sentidas na Inclusão a algo transcendente às capacidades e possibilidades do professor *“...essa inclusão nem sempre acontece como se deseja, por dificuldades que nos transcendem...”*

1.3.2 – Grau de preparação para lidar com alunos portadores de NEE

Quando questionados sobre o grau de preparação para lidar com alunos portadores de NEE, três dos professores (PT1,PT2 e PT4) reconhecem nunca ter feito formação na área das NEE. Um dos professores (PT3) fez o Complemento de Formação em Apoios Educativos.

Watkins (2007), refere a formação de professores como uma das condições essenciais para o sucesso da Inclusão tanto ao nível da formação inicial como a formação contínua a fim de desenvolverem conhecimentos e competências para melhorar a prática em contextos inclusivos.

Para responder às suas necessidades e dúvidas, os professores apontam como principal fonte de informação os colegas de trabalho, seguida da pesquisa sobre as temáticas pretendidas na internet, o recurso a fontes bibliográficas ou ao professor de educação especial são referidos em igual frequência.

1.3.3 – Dificuldades sentidas na lidação com alunos com NEE

No bloco referente às dificuldades sentidas na lidação com alunos com NEE, as três mais sinalizadas são a sua falta de disponibilidade para responder adequadamente às necessidades dos alunos com NEE, dificuldades na planificação para estes alunos e na preparação de materiais adequados à especificidade dos alunos. São também apontadas como dificuldades: a falta de apoios na sala, a necessidade de atender às solicitações dos restantes alunos da turma e a dificuldade que os alunos com NEE têm para esperar a sua vez.

O PT2 reforça “*As dificuldades que tenho não são académicas*”; considera que estas advêm do fato de ter uma turma heterogénea que requer muito apoio individualizado sentindo dificuldades em “*...flexibilizar o tempo...*”

Apenas o PT3 afirmou não sentir dificuldades em trabalhar com alunos com NEE.

Quanto às causas para as dificuldades sentidas, indicaram maioritariamente a falta de formação: tanto a nível da formação inicial que foi considerada deficitária nesta área como na formação contínua. PT4 afirma: “*A minha formação inicial não me preparou adequadamente para trabalhar com NEE. Depois disso também não fiz formação sobre o tema...*”

Estas declarações vão de encontro ao que emana da Declaração de Salamanca, “A preparação adequada de todo o pessoal educativo constitui o factor - chave na promoção das escolas inclusivas...” (p. 27);

Apontam também o elevado número de alunos por turma, o fato de as turmas serem muito heterogéneas e a falta de recursos humanos e materiais.

O resultado do estudo realizado e apresentado por Rodrigues (2007) mostrou que nos casos estudados, “... as escolas que apresentavam maiores barreiras à aprendizagem e participação nem sempre sofriam escassez de recursos materiais ou humanos. Careciam sim de rentabilizar os recursos existentes...” (p. 190).

Importa averiguar até que ponto esta realidade é comum à situação em estudo.

O PT4 referiu também que “*...por vezes há alunos com NEE com atitudes/barulhos que provocam a distração e o riso dos seus pares*” como causa para as suas dificuldades.

1.3.4 – Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD

No que se refere à relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD, sobressai desta análise a opinião dos professores de que é uma boa relação onde imperam: o respeito, a solidariedade, a cooperação, a proteção de uns sobre os outros, o espírito de ajuda, a aceitação e a disponibilidade. Na generalidade consideram que os alunos com MD se sentem felizes na escola e que estes “...*sentem que fazem parte do todo*” (PT3). O PT4 tem a perceção que o seu aluno com MD tem direito a tratamento diferenciado e que goza de um estatuto especial afirmando “...*fazem-lhe mais as vontades...*”.

Quanto aos momentos de interação entre pares, verifica-se que estão relacionados com as atividades da vida diária (AVD’S) das quais são exemplo: o lanche, almoço, as deslocações, o vestir/despir e o manuseamento de materiais. Todos os entrevistados referem também o intervalo como um dos momentos em que há interação entre os alunos durante as brincadeiras, indicando que os alunos com NEE são requisitados para as mesmas.

“Os alunos sem NEE tiram e colocam o material escolar na mochila da colega, empurram a cadeira, sempre que a colega solicita ajuda no computador há sempre um aluno disponível para ajudar” (PT1)

O relatório sobre princípios – chave para a educação especial (AEDEE, 2009) refere que a Declaração de Lisboa contempla a opinião expressa pelos alunos com necessidades educativas especiais em que afirmam: “Nós vemos uma série de benefícios na educação inclusiva... precisamos de ter amigos, com e sem necessidades especiais, e de interagir com eles...a educação inclusiva é benéfica para nós e para todos” (p. 12).

De acordo com Morgado (2003) vários estudos reconheceram os benefícios da inclusão para os pares dos alunos com NEE uma vez que permitem e favorecem o desenvolvimento de “atitudes e valores positivos face à diferença e diversidade, fomentando atitudes de cooperação”. (p.76).

1.3.5 – Opinião que os Professores Titulares de turma têm sobre o trabalho do docente de educação especial (DEE)

Relativamente a este ponto, os professores referem que a UAEAM permite fazer o trabalho que não é possível fazer na sala de aula, entendem que os DEE deveriam dispor de mais tempo de apoio para cada aluno, o qual deveria ser preferencialmente individualizado. Consideram o apoio imprescindível, que os docentes deram o seu melhor mas que há sempre hipótese de melhorar.

1.3.6- Opinião do DEE sobre a sobre atitude dos PT ao receber alunos com MD na sua turma

Por se considerar pertinente a opinião do DEE relativamente à atitude do professor titular de turma face à inclusão de alunos com MD na sua sala de aula e que o seu contributo poderia enriquecer este trabalho, foram entrevistados três professores de educação especial.

Os entrevistados são de opinião que os PT ficam apreensivos e, muitas vezes, apresentam atitudes negativas ao receberem alunos com MD na sua turma. DEE1 afirma “...penso que quando queremos fazer um trabalho minimamente válido nos preocupamos e ficamos apreensivos”. Um dos docentes entrevistados acha que os professores poderão sentir-se impotentes para responder adequadamente às necessidades do aluno em questão. “Têm receio em receber uma criança com MD e dificuldade em implementar a sua inclusão” (DEE3).

Como causas para o comportamento verificado os docentes de educação especial referem a falta de formação específica, o elevado número de alunos por turma, a heterogeneidade das turmas e as diferentes necessidades implícitas. Por outro lado apontam também a falta de linhas orientadoras e a falta de articulação entre os técnicos que compõem a equipa multidisciplinar. (DEE1)

O DEE2 considera também que os “(PT) não acreditam nas capacidades dos alunos e nas possibilidades educativas”.

Ainscow (2007, p.19) referindo-se aos resultados dos alunos realça a necessidade de “...desmontar ideias feitas, muitas vezes relacionadas com expectativas sobre certos grupos de alunos e as suas capacidades e talentos”.

O mesmo autor refere a necessidade de “...ser vigilante, questionando como o conceito que temos de “défice” pode influenciar as percepções que desenvolvemos sobre certos alunos” (p. 17).

Um dos entrevistados aponta também a falta de sensibilidade por parte de alguns dos professores titulares de turma. “Há também o fator sensibilidade. Aí, devemos colocar-nos no lugar de um pai de um aluno com estas problemáticas e pensarmos o que gostaríamos para o nosso filho.”(DEE1)

1.3.7 – Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos com multideficiência

Relativamente às sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos com multideficiência os professores titulares de turma indicam como áreas onde deveriam ocorrer alterações as seguintes: a redução do número de alunos por turma, mais apoio docente e não docente dentro da sala de aula, novos modelos de organização da sala de aula e definição de estratégias de trabalho, o desenvolvimento de ações de sensibilização para a diferença e o aumento das oportunidades de relacionamento entre todos os alunos com a realização de maior número de atividades conjuntas.

Um dos professores titulares de turma referiu a importância da articulação entre os docentes titulares de turma e os docentes da Unidade de Apoio à Multideficiência para que a Inclusão possa ser efetiva.

Downing (1999) refere a importância do trabalho colaborativo entre todos os profissionais que interagem com a criança portadora de necessidades educativas especiais identificando os constrangimentos para que tal aconteça:

- Apoio fora da sala de aula - quando o profissional apoia o aluno fora da sala de aula existem momentos e acontecimentos que a criança perde e provavelmente seriam importantes para a sua aprendizagem; ao sair da sala irá trabalhar conteúdos sem relação com o que se está a trabalhar na turma; ao regressar tem dificuldades acrescidas para compreender o que se passa;

- Resistências à mudança - os profissionais não se sentem confiantes em trabalhar em parceria com outros profissionais após terem trabalhado tanto tempo de acordo com o que entendem ser melhor para a criança;

- Instabilidade da equipa – sempre que alguém sai da equipa, esta perde coesão e é necessário recomeçar o trabalho com os novos elementos que a compõem;

- Diferentes experiências e sensibilidades – nem sempre os diferentes profissionais têm facilidade de entender as perspetivas/filosofias uns dos outros;

- Diferentes métodos de trabalho – consoante o tipo de formação que cada um recebeu assim é a abordagem que faz junto do aluno;

- Diferentes expectativas- nem todos os profissionais têm as mesmas expectativas em relação a um determinado aluno;

- Necessidade de controlo – quase todos os profissionais foram treinados para assumir o controlo da situação- neste caso na abordagem ao aluno- sendo difícil por vezes conciliar todas as opiniões.

Por outro lado a mesma autora identifica os benefícios que a colaboração, a existência de equipas multidisciplinares e consequentemente a articulação do trabalho podem trazer para o aluno com necessidades educativas especiais, as quais são apresentadas de seguida:

- Aumento das capacidades dos profissionais – cada um dos profissionais pode aprender com os restantes colegas da equipa, o conhecimento geral sobrepõe-se ao conhecimento individual;

- Elaboração dos Programas Educativos Individuais tendo em vista um objetivo comum; o trabalho de todos os profissionais – embora diferente - serve o mesmo propósito. Simultaneamente todos os profissionais ficam conhecedores do plano de trabalho para o aluno em questão.

- Contribuição igualitária para a prossecução dos objetivos, evitando a supremacia de uns sobre os outros, aumentando o sentimento de competência nos intervenientes.

Rodrigues (2007) destaca também com fatores que facilitam a Inclusão “a sensibilização e preparação antecipada, do ingresso de alunos com NEE nas escolas do ensino regular, junto de docentes, de auxiliares, de pais e dos próprios alunos” (p. 183). Esta ação permite afetar recursos e proceder a todas as adaptações necessárias atempadamente, diminuindo as barreiras à participação dos alunos com NEE.

2 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 – Abordagem concetual

2.1.1 - Inclusão

Correia (2003) define Inclusão como “a inserção do aluno com NEE na classe regular, onde, **sempre que possível**, deve receber todos os serviços educativos adequados, contando-se, para esse fim, com um apoio adequado (e.g., de outros técnicos, pais, etc.) às suas características e necessidades” (p.16)

Amaral e Nunes (2008), reportando-se à população portadora de multideficiência, consideram importante redefinir

“o conceito de inclusão quando se fala de alunos com multideficiência alargando-o para além do espaço da sala de aula de modo a incluir todos os ambientes onde o aluno com multideficiência precisa de aprender a viver, para que se possa envolver em experiências significativas e participar nas atividades dos ambientes do seu meio social.” (p.7).

A ação do docente de educação especial ou outros técnicos que trabalham com o aluno não se circunscreve ao espaço escolar, mas a todos os espaços onde a criança ou jovem com multideficiência se movimenta, ou virá a movimentar. Não estar fisicamente na escola/espacos escolares durante todo o tempo não significa que a Inclusão seja inexistente.

Para Bautista et al (1997) as possibilidades educativas e de integração da criança com deficiências associadas não é tema que se debata, uma vez que todos têm direito, não apenas à educação, mas sim à educação em função das suas próprias possibilidades ou particularidades.

2.1.2 – Educação Inclusiva

“A educação inclusiva visa a equidade educativa, sendo que por esta se entende a garantia de igualdade, quer no acesso quer nos resultados” (Dec. Lei 3/2008).

A escola inclusiva pressupõe individualização e personalização das estratégias educativas, enquanto método de prossecução do objetivo de promover competências universais que permitam a autonomia e o acesso à condução plena da cidadania por parte de todos.

Porter (1997, citado por Rodrigues, 2007, p. 29) enumera “dispositivos de suporte” essenciais para a concretização da Educação Inclusiva:

- a) formação e actualização: a formação dos professores de apoio e dos professores do ensino regular deverá ser permanente para que exista actualização de conhecimentos e competências;
- b) equipas de resolução de problemas: estas equipas são um instrumento valioso que contribuirá para resolver problemas centrados na escola, permitindo a todos os professores o acesso ao acompanhamento directo, prático e positivo;
- c) currículo inclusivo: deverá existir um currículo comum que garanta um ensino com níveis diversificados e dê aos alunos oportunidades de se envolverem de forma positiva, nas actividades da turma. O currículo deverá basear-se em actividades que permitam aos alunos “aprender fazendo”,

facilitando a colaboração entre alunos e professores de forma a conseguir-se uma aprendizagem significativa para cada aluno.

d) ensino com níveis diversificados: possibilitando ao professor a preparação de unidades de ensino com base na diversificação, com a finalidade de responder às necessidades de todos os alunos.

Smith (2006, citado por Rodrigues, 2007) define Educação Inclusiva como “uma educação para a autonomia, propondo meios criativos e inovadores para ultrapassar barreiras à aprendizagem e participação” (p. 29).

2.2 – Princípios para a promoção da qualidade da Escola Inclusiva

O relatório da AEDEE (2009), identifica sete (7) princípios chave para a promoção da qualidade da escola Inclusiva que são:

A) Alargar a participação para aumentar oportunidades educativas para todos os alunos;

A Inclusão refere-se a todos os alunos em risco de exclusão e não apenas aos alunos com NEE, devido ao insucesso escolar; todos os alunos devem estar envolvidos em atividades significativas de aprendizagem e isso é participação; todos os professores devem sentir-se capazes de assumir a responsabilidade por todos os alunos da sua turma, independentemente do seu perfil de funcionalidade e necessidades; os pais e encarregados de educação devem participar na tomada de decisões que se referem ao processo educativo do seu educando. No que se refere à participação a mesma fonte recomenda a visão da aprendizagem como um processo em que o objetivo principal é “aprender a aprender”, a utilização de abordagens personalizadas de aprendizagem para todos os alunos em que cada um assuma o controlo da sua própria aprendizagem e a implementação do Programa Educativo Individual que maximize a independência dos alunos, o seu envolvimento na definição dos objetivos e a colaboração dos encarregados de educação/famílias.

B) Educação e formação sobre educação inclusiva para todos os professores;

“Para trabalhar eficazmente em contextos inclusivos, os professores precisam de ter valores e atitudes apropriadas, competências, conhecimentos e compreensão”(AEDEE, 2009, p.18).

A formação inicial deve proporcionar ao professor os conhecimentos e competências de modo a ser ele um promotor da escola inclusiva. Sem professor com atitude inclusiva não há inclusão.

De igual modo, devem os agrupamentos, as instituições de formação de professores proporcionar ao professor e demais agentes educativos, formação contínua a fim de desenvolverem atitudes, conhecimentos e competências de acordo com a função que exercem.

C) Cultura organizacional e filosofia que promova a inclusão;

É crucial uma atitude positiva de aceitação e acolhimento de todos os alunos nas salas de aula e que respondam às diferentes necessidades no que respeita à educação. Como resultado esperam-se práticas que anulem a segregação e promovam uma escola para todos com as mesmas oportunidades, trabalho de equipa em parceria com os pais e interdisciplinar e uma prática educativa que responda a todas as necessidades e não apenas a grupos específicos.

D) Estruturas de apoio organizadas de forma a promover a inclusão

As estruturas de apoio com impacto na educação inclusiva são constituídas por vários serviços existentes no meio local e dependentes de diferentes ministérios, devem ser coordenadas de forma a apoiar, da melhor maneira, os alunos ao longo do seu percurso educativo.

Com a criação dos centros de Recursos para a Inclusão (CRI) e dos Centros de Recursos TIC (CRTIC) a nível regional, a Inclusão fica facilitada pois os serviços estão mais próximos e vocacionados para o atendimento ao aluno na escola. Simultaneamente, o trabalho interdisciplinar e as reuniões multidisciplinares acontecem mais frequentemente resultando em benefício para o aluno na medida em que possibilita a existência de maior articulação entre professores, técnicos e família.

E) Sistemas flexíveis de afetação de recursos que promovam a inclusão

“As políticas de financiamento e as estruturas são um dos fatores mais importantes na inclusão. A ausência ou o acesso limitado a recursos e respostas pode obstaculizar a inclusão e a igualdade de oportunidades dos alunos com NEE”. (AEDEE,2009, p.22)

A criação dos CRTIC, veio facilitar o acesso à avaliação ao nível das ajudas técnicas para os alunos com NEE mas só por si não é a solução. Continuamos a deparar-nos com muitas dificuldades ao nível da atribuição dos meios anteriormente recomendados pelos serviços responsáveis na avaliação. Os fundos destinados não parecem ser, efetivamente suficientes para responder à população que deles necessita.

Relativamente aos recursos humanos, desde a criação do grupo de recrutamento de Educação Especial a população com NEE pode contar com pessoal especializado. No entanto, o número de docentes de Educação Especial colocados em cada agrupamento não é, na opinião dos implicados, em número suficiente. A falta de formação especializada para os assistentes operacionais, associada à eliminação das funções de “tarefeira”- pessoa destacada para acompanhar o aluno com nee nas suas atividades diárias na escola, são outro dos fatores a ter em conta neste ponto. Parece que, no que concerne a esta temática, existe ainda muito a fazer de modo a que as barreiras à participação de todos os alunos possam ser eliminadas.

F) Políticas que promovem a inclusão

As políticas que promovem a inclusão devem ter em conta as políticas internacionais e simultaneamente refletirem as necessidades locais. É importante que todos os membros da comunidade educativa as conheçam e participem na sua concretização e implementação. “Tais políticas devem ser trans-setoriais e promover activamente a cooperação intersectorial...” (AEDEE, 2009,p.22)

G) Legislação que promove a inclusão

“...a legislação deve estabelecer claramente a inclusão como uma meta...deve conduzir à prestação de serviços e à melhoria dos processos que favoreçam a inclusão educativa.” (AEDEE,2009, p.23)

A publicação do Dec. Lei 3/2008, de 7 de Janeiro trouxe um novo modelo de escola ao prever a criação de salas de referência para apoio a alunos com surdez, cegueira e baixa visão, as Unidades de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência e as Unidades de Ensino Estruturado para Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo retirando os alunos, ou diminuindo drasticamente as autorizações de encaminhamento para as Instituições de Educação Especial, as quais foram, entretanto, convertidas em Centros de Recursos para a Inclusão (CRI) apoiando os alunos nas escolas do ensino regular.

2.3 – Atitudes dos professores face à inclusão

2.3.1 – Definição de Atitude

Na opinião de Bardin (2003),“Uma atitude é uma pré-disposição, relativamente estável e organizada, para reagir sob forma de opiniões (nível verbal), ou de actos (nível

comportamental), em presença de objectos (pessoas, ideias, acontecimentos, coisas, etc.) de maneira determinada”. (p.155)

2.3.2 – Atitudes dos professores face à inclusão

A AEDEE considera que “A promoção de atitudes positivas na educação é fundamental para aumentar a participação. As atitudes dos pais e dos professores face à educação de alunos com diferentes tipos de necessidades parecem ser largamente determinadas pelas suas experiências pessoais.” (AEDEE, 2009, p.53).

A mesma fonte (2009), refere que a promoção de atitudes positivas dos professores é possível através de formação, apoio, afetação de recursos apropriados e vivência de experiências de inclusão bem-sucedidas

“experiências práticas, o apoio e a formação ajudam a desenvolver, nos professores, atitudes positivas em relação a: lidar com as diferenças na sala de aula; compreender a relação entre o processo de aprendizagem e o de avaliação; desenvolver práticas holísticas de avaliação que deem indicações para o trabalho de sala de aula e não estejam centradas na identificação das áreas fracas do aluno...”(AEDEE, 2009, p.53)

Stainback e Stainback (1990, citados por Serrano 2005, p. 290) afirmam que a formação, ou a participação em cursos e seminários sobre métodos e técnicas de inclusão só por si não são garantia de sucesso no processo de Inclusão, se o professor não for receptivo a ter determinado aluno na sua sala devido à sua problemática.

Martins (2005), refere os autores Hall e Loucks (1978),) que se debruçaram sobre o estudo do pensamento dos professores, propondo um modelo composto por sete níveis no âmbito do desenvolvimento de atitudes dos professores face à mudança nas práticas e disponibilidade para as aprender e aplicar, que é o seguinte:

- “-Nível 0 (**Consciencialização**) – Os profissionais têm pouco contacto ou envolvimento com a mudança das práticas.
- Nível 1 (**Informação**) – A primeira atitude é querer saber mais acerca da mudança das práticas.
- Nível 2 (**Pessoalização**) – Os profissionais questionam-se sobre de que forma a mudança das práticas os afetará pessoalmente.
- Nível 3 (**Realização**) – Atitudes centradas na implementação das práticas, como, quando e onde devem ser implementadas.
- Nível 4 (**Consequências**) – Os profissionais questionam-se acerca do impacto que a mudança terá na criança e na família.
- Nível 5 (**Colaboração**) – Os profissionais procuram a colaboração de outros colegas para os ajudar na aplicação de novas práticas.
- Nível 6 (**Avaliação**) – Os profissionais avaliam as novas práticas e, se necessário, procedem às mudanças necessárias para as tornar eficazes.” (pp. 55-56)

A colaboração entre os profissionais envolvidos no processo de educação é crucial para a motivação e empenho dos professores nos processos de mudança. Acompanhados e apoiados, sentem-se capazes para inovar e aplicar novas estratégias no desenvolvimento da sua atividade face à diversidade dos seus alunos.

2.4 – Alunos com Necessidades Educativas Especiais

Bautista, (1997), refere que o conceito de necessidades educativas especiais foi utilizado pela primeira vez em 1978, no relatório Warnok, referindo-se que a criança necessita de educação especial se apresentar alguma dificuldade de aprendizagem que requeira uma medida educativa especial. Segundo este autor, em 1989, o Livro Branco para a Reforma do Sistema Educativo (Madrid,1989) introduz o conceito Necessidades Educativas Especiais da seguinte forma:

“Dizer que um determinado aluno apresenta necessidades educativas especiais é uma forma de dizer que, para conseguir atingir os fins da educação ele precisa de usufruir de determinados serviços ou ajudas pedagógicas. Desta forma, uma necessidade educativa define-se tendo em conta aquilo que é essencial para a consecução dos objetivos da educação.”(p.10)

A partir da Declaração de Salamanca (Unesco,1994) o termo Necessidades Educativas Especiais, passou a “abranger todas as crianças e jovens cujas necessidades envolvam deficiências ou dificuldades de aprendizagem”.

Correia (2006) caracteriza os alunos com NEE como “...aqueles que, por exibirem determinadas condições específicas podem necessitar de serviços de educação especial durante parte ou todo o seu percurso escolar, de forma a facilitar o seu desenvolvimento académico, pessoal e socioemocional”. (p.17)

A DGIDC, no documento de Avaliação e Intervenção na Área das NEE (2006) refere o conceito de necessidades educativas especiais de carácter prolongado, apresentado, pela primeira vez, no Decreto-Lei nº 6/2001:

“Consideram-se alunos com necessidades educativas especiais de carácter prolongado aqueles que experienciam graves dificuldades no processo de aprendizagem e participação no contexto escolar, familiar e comunitário, decorrentes da interação entre fatores ambientais (físicos, sociais e atitudinais) e limitações de grau acentuado ao nível do seu funcionamento num ou mais dos seguintes domínios: sensorial (visão e audição); motor; cognitivo; comunicação, linguagem e fala; emocional e personalidade.”(p.13)

2.5 – Multideficiência

2.5.1 – Definição

Para Nunes, (2001) “A multideficiência é mais do que a mera combinação ou associação de deficiências, constituindo um grupo muito heterogéneo entre si, apesar de apresentarem características específicas/particulares” (p.16).

Segundo Orelove, Sobsey e Silberman (2004, citados por Nunes, 2008, p. 9), as crianças com multideficiência:

“...apresentam acentuadas limitações no domínio cognitivo, associadas a limitações no domínio motor e/ou no domínio sensorial (visão ou audição), e que podem ainda necessitar de cuidados de saúde específicos. Estas limitações impedem a interacção natural com o ambiente, colocando em grave risco o acesso ao desenvolvimento e à aprendizagem”.

Amaral (2001), reforça a necessidade da intervenção de técnicos especializados e competentes para lidar adequadamente com cada um dos casos e a especificidade que lhes está inerente.

Segundo a mesma autora “Essas respostas precisam de ser enquadradas por expectativas positivas contribuindo assim para o sucesso, dignificação e melhoria da qualidade de vida desta população.” (p.9)

2.5.2 – Implicações Educacionais da Multideficiência

Para Amaral e Nunes (2008) “as crianças com multideficiência constituem um grupo heterogéneo, apresentando dificuldades muito específicas resultantes da conjugação de limitações nas funções e estruturas do corpo e de fatores ambientais que condicionam o seu desenvolvimento e funcionamento”.(p.5)

Pereira, (2008) identifica as maiores dificuldades das crianças com multideficiência ao nível da atividade e participação:

- “• dos processos da interação com o meio ambiente;
- da compreensão do mundo envolvente;
- da seleção dos estímulos relevantes;
- da compreensão e interpretação da informação recebida;
- da aquisição de competências;
- da concentração da atenção;
- do pensamento;
- da tomada de decisões sobre a vida;
- da resolução de problemas.”(p.11)

A figura seguinte, criada pelas autoras citadas, ilustra de forma clara as possíveis limitações e suas implicações na ação da criança sobre o meio e sobre a forma de o apreender.

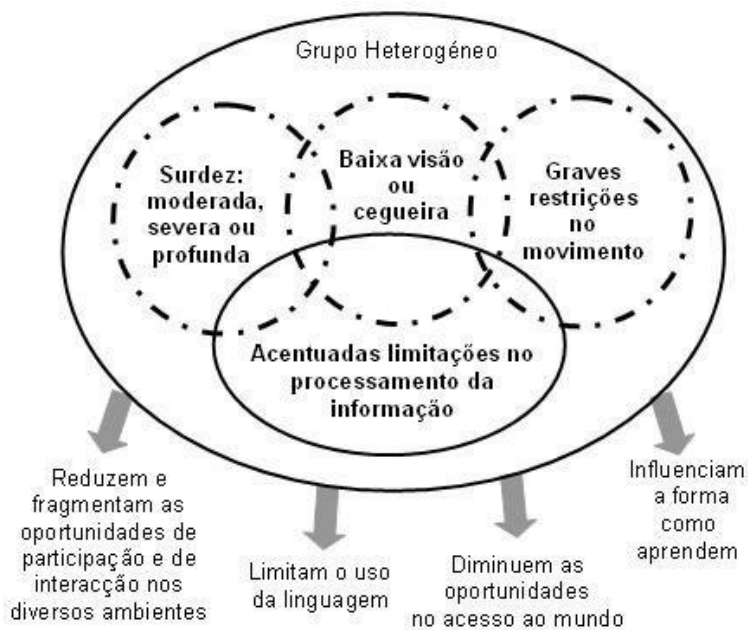


Figura 1 – Limitações das crianças com MD e suas implicações educativas
Fonte: Adaptado de Amaral e Nunes (2008, p.5)

As limitações cognitivas associadas às limitações motoras e/ou sensoriais criam grandes barreiras à atividade e participação destes alunos nos diferentes contextos em que vivem. Frequentemente, a pessoa com multideficiência apresenta limitações motoras muito graves, as quais comprometem a capacidade de interação com o meio. A sua capacidade de controlo motor é tão reduzida que poderá escapar à perceção de quem está mais próximo. As limitações sensoriais impedem que a pessoa com MD se aperceba do meio que a rodeia e possa interagir normalmente. Se a perda não for compensada a capacidade de aprendizagem ficará comprometida.

Também os fatores ambientais são determinantes para a aprendizagem e a perceção do meio envolvente e o acesso ao mundo. Os fatores ambientais podem funcionar como barreiras ou facilitadores da aprendizagem. No caso da pessoa com MD assumem especial relevância uma vez que a capacidade de aprendizagem e de ação sobre o mundo está condicionada. O apoio de familiares, principalmente o encarregado de educação, o meio em que vivem, os recursos disponíveis, a capacidade e sensibilidade para proporcionarem experiências significativas; a intervenção dos

serviços: educação, saúde, segurança social, responsáveis pela atribuição de subsídios, ajudas técnicas, apoios à criança e família no delinear e desenvolvimento do seu projeto de vida.

É comum estarem associados a este perfil, os problemas na comunicação: a capacidade de receber, compreender ou produzir informação. Se não dispuserem de mecanismos que possam atenuar as dificuldades e facilitar o processo comunicativo a sua capacidade para interagir com o meio ficará muito reduzida e por vezes quase inexistente. Veja-se o caso de uma pessoa cuja possibilidade de comunicar é feita através do computador com software e hardware específico, ao não estar disponível não haverá interação com o meio.

No quadro seguinte, da autoria de Amaral e Nunes, podem facilmente verificar-se as diferenças no desenvolvimento entre uma criança com desenvolvimento normal e uma criança com multideficiência.

Quadro 3 – Diferenças de desenvolvimento entre crianças sem e com multideficiência

Criança com desenvolvimento normal	Criança com Multideficiência
Experiências significativas constantes	Reduzida oportunidade de experiência
Operações mentais sobre essas experiências	Dificuldades no tratamento da informação
Interações frequentes com pessoas e objetos	Reduzidas oportunidades de interação com pessoas e objetos
Uso de símbolos	Dificuldades na simbolização
Linguagem como mediador	Ausência de linguagem
Aprendizagem incidental	Aprendizagem apoiada

Fonte: Adaptado de Amaral e Nunes (2008, p.6)

2.6 – Unidade de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência

As Unidades de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência

“são um recurso pedagógico especializado dos estabelecimentos de ensino regular do ensino básico, constituindo-se como uma resposta educativa diferenciada que visa apoiar a educação dos alunos com multideficiência e com surdocegueira congénita fornecendo-lhes meios e recursos diversificados.” (DGIDC, 2005, p. 14)

Constituem **objetivos** destas Unidades, entre outros:

- “a) Assegurar a criação de ambientes educativos estruturados securizantes, significativos e ricos em comunicação que permitam o envolvimento dos alunos na procura de informação;
- b) Criar condições para os alunos poderem interagir com parceiros significativos e envolverem-se nessas interações;
- c) Fomentar a aprendizagem de conteúdos relacionados com o conhecimento de si próprios, dos outros e do mundo e que conduzam ao estabelecimento de uma vida com qualidade no presente e no futuro;
- d) Proporcionar oportunidades de aprendizagem centrada em experiências da vida real e adequadas à idade cronológica dos alunos, às suas capacidades, necessidades e interesses e que valorizem a comunicação;
- e) Desenvolver actividades naturais e funcionais que promovam o desenvolvimento da autonomia pessoal e social nos diversos ambientes onde os alunos se encontram;
- f) Aplicar metodologias e estratégias de intervenção transdisciplinares adequadas às necessidades individuais de cada aluno e que possibilitem a frequência de ambientes naturais;
- g) Organizar e apoiar o processo de transição entre ciclos e para a vida adulta;
- h) Assegurar os apoios específicos a nível das terapias, da psicologia e da orientação e mobilidade;
- i) Criar espaços de reflexão e formação acerca da prática pedagógica para os profissionais, pessoal não docente e famílias.” (DGIDC, 2005, p. 16)

3 – CARATERIZAÇÃO CIENTÍFICA DO PROCESSO INCLUSIVO

O movimento da Educação Inclusiva surge ligado, em muitos países à educação especial, evoluindo de forma a abranger todos os alunos que experienciam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, na defesa dos seus direitos, através da transformação global e qualitativa dos sistemas educativos (Rodrigues, 2007, p. 21).

Para o mesmo autor

“falar de educação inclusiva é falar de uma nova conceção de escola, onde a igualdade de oportunidades, a equidade educativa, a diversidade cultural, os valores de uma cultura de cooperação e de interajuda estão subjacentes a todas as práticas da escola” (p.21).

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994)

“O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa

organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades”. (UNESCO, 1994, p.11)

Reportando-se à filosofia adjacente à escola inclusiva, Correia (2003, p. 35) considera que esta altera o papel de todos os profissionais de educação. “Estes passam a ter um papel muito mais activo no processo de ensino- aprendizagem, pelo que devem desenvolver competências, não só que lhes permitam responder às necessidades educativas dos alunos mas também atitudes positivas em relação à integração e à inclusão”.

Para Correia (2003)

“O conceito de inclusão não deve ser tido como um conceito inflexível, mas deve permitir que um conjunto de opções seja considerado sempre que a situação assim o exija, importando perceber, no entanto, que ele nasce com um fim, o de inserir as crianças com NEE severas nas escolas regulares das suas residências”(p.16).

No entanto, prevê também que, “sempre que a situação o exija poder-se-á considerar um conjunto de opções que levem a um apoio fora da classe regular” (p. 23).

O mesmo autor identifica como vantagem da inclusão

“... o desenvolvimento de comunidades escolares mais ricas e mais profícuas. A inclusão procura assim levar o aluno com NEE às escolas regulares e, sempre que possível, às classes regulares, onde por direito, deve receber todos os serviços adequados às suas características e necessidades” (p.21).

Para Downing (2008, citado por Nunes, 2008) “A Inclusão é definida como a colocação, a tempo inteiro, de um aluno numa turma de ensino regular, da mesma faixa etária, com os necessários suportes e serviços para aceder ao currículo regular e facilitar a aprendizagem”. (p.6)

4 – ORIENTAÇÕES PARA A INTERVENÇÃO

4.1 – Multideficiência e Inclusão

Até há poucos anos, os alunos com multideficiência ficavam em casa ou eram encaminhados para instituições de educação especial, por não haver nas escolas regulares a capacidade de responder adequadamente às suas necessidades educativas.

Com a publicação da declaração de Salamanca, a Inclusão dos alunos com multideficiência ganhou um novo impulso pois reconhece-se a igualdade de direitos no acesso à escola e o direito de estar na mesma escola que frequentam as crianças da sua comunidade.

Nunes e Amaral, (2008), identificam alguns pressupostos e princípios básicos que é preciso ter em conta para assegurar uma educação de qualidade a estes alunos:

“1 – a intervenção tem de se orientar para a atividade e participação em ambientes significativos onde as crianças com multideficiência possam ter oportunidade de repetir as experiências ao longo da vida (...);

2- a abordagem educativa deve ser individualizada, deve existir um plano de trabalho elaborado de forma a dar resposta às necessidades do aluno e da família, preparando-o para o futuro (...);

3- os ambientes de aprendizagem devem ser organizados e estruturados(...)” (p.7).

No que se refere à avaliação, defendem as autoras, os procedimentos e critérios devem estar adequados às aprendizagens identificadas no PEI.

As mesmas autoras referem ainda que, falar em Inclusão destes alunos não significa apenas frequentar a escola ou as turmas conjuntamente com os pares. “...as necessidades de Inclusão vão muito para além da inclusão escolar e projetam-se em todos os contextos de vida em que se inserem.” (p.7)

A Inclusão de um aluno com MD requer grandes alterações ao nível do currículo e do tipo de apoio a prestar.

“No caso destes alunos, a Inclusão é um processo de aprendizagem em que a escola representa apenas um dos vários ambientes onde necessitam de ser incluídos” e, portanto, consideram pertinente que o conceito de Inclusão possa “incluir todos os ambientes onde o aluno com MD precisa de aprender a viver”. Amaral e Nunes, (2008, p.7)

Consequentemente a ação do professor também deverá ultrapassar os limites físicos da escola e alargar-se aos ambientes onde o aluno com MD se movimenta.

No que respeita ao currículo, frequentemente necessitam de alterações significativas nos conteúdos e competências a aprender, desviando-se daquilo que é o currículo comum. O Dec. Lei 3/2008 no art.º 21º, ponto 2, prevê a adoção do Currículo Específico Individual como a resposta educativa a aplicar quando há a necessidade de proceder a “alterações significativas no currículo comum, podendo as mesmas traduzir - se na introdução, substituição e ou eliminação de objectivos e conteúdos, em função do

nível de funcionalidade da criança ou do jovem.” Para este tipo de alunos é crucial a realização de atividades funcionais e experiências vividas em situações naturais e que o currículo seja adequado para que se possam diminuir as barreiras que se colocam à aprendizagem.

Concluem, as mesmas autoras, que o sucesso da Inclusão passa pela capacidade de identificar necessidades do aluno e da família, identificar modelos de resposta a necessidades e do comprometimento de todos os envolvidos, em especial as famílias e os profissionais de educação.

“O sucesso e a eficácia da intervenção educativa implicam ainda o desenvolvimento de um trabalho em equipa em que se garanta a colaboração do professor de educação Especial com o titular de turma, bem como com todos os técnicos implicados no processo, garantindo aos alunos reais oportunidades de interagir com objectos e pessoas significativas nos diversos contextos naturais em que se insere, e desenvolvendo aprendizagens a partir das interacções.” (p.9)

Demchak (2008) enumera seis aspetos a ter em conta na educação e planificação para os alunos com MD:

1 - Os currículos devem ser adequados à idade cronológica dos alunos, funcionais e ser desenvolvidos nos contextos naturais;

2 - Os alunos com MD devem frequentar uma Escola Inclusiva com os seus pares sem deficiência, pois só assim desenvolvem os comportamentos e competências sociais adequados à convivência em sociedade;

3 - As aprendizagens devem realizar-se nos ambientes naturais onde o aluno vive, de forma a evitar as dificuldades na generalização;

4 - A instrução do aluno com MD deve ter uma abordagem positiva pois reduz os problemas comportamentais e desenvolve uma conduta adequada;

5 – Os pais têm um papel fulcral, possuem conhecimentos e experiência importantes para a educação do aluno e daí a sua importância para delinear o projeto educativo do aluno com MD;

6 – A colaboração entre todos os técnicos que intervêm junto do aluno resulta em franco benefício para todos os intervenientes, potenciando os resultados das intervenções e aumentando os conhecimentos da equipa.

4.2 – Estratégias Educativas

A AEDEE (2009) apresenta no seu relatório algumas estratégias para implementar em sala de aula ou na escola que se consideram ser pertinentes e poderão ajudar todos os alunos e professores, incluindo os alunos com multideficiência:

“- Ensino cooperativo em que os professores utilizam trabalho em equipa envolvendo os próprios alunos, pais, colegas, pessoal de apoio, membros da equipa pluridisciplinar;...”

“- Aprendizagem cooperativa em que os alunos se ajudam uns aos outros – tutoria a pares;...”

“- Resolução cooperativa de problemas envolvendo abordagens sistemáticas para a gestão positiva da sala de aula;...”

“- Grupos heterogéneos de alunos e diferenciação pedagógica para responder as necessidades específicas...”

“- Ensino eficaz baseado em metas específicas, percursos alternativos de aprendizagem, ensino flexível e feedback aos alunos;...”

“- Avaliação que apoie a aprendizagem e não rotule ou conduza a consequências negativas para os alunos, a avaliação deve considerar os aspetos académicos, comportamentais, social, emocional do aluno e dar informações claras sobre o processo de aprendizagem...” (p.17)

Kronberg (2003) destaca também os agrupamentos multietários, a aprendizagem experimental, as unidades temáticas interdisciplinares, as equipas colaborativas e a lecionação simultânea como boas estratégias para apoiar a inclusão dos alunos com NEE na sala de aula.

Para Ainscow (citado por Rodrigues, 2007, p. 30) as escolas que pretendem tornar-se mais inclusivas devem investir em seis tipos de mudanças:

“1- Assumir como ponto de partida, as práticas e os conhecimentos existentes;

2- Ver as diferenças como oportunidades para a aprendizagem;

3- Inventariar barreiras à participação;

4- Usar recursos disponíveis para apoiar a aprendizagem;

5- Desenvolver uma linguagem ligada à prática;

6- Criar condições que incentivem aceitar riscos.”

Demchak (2008) apresenta algumas estratégias a implementar na sala de aula com alunos portadores de deficiência as quais, com certeza, facilitam a Inclusão destes alunos:

a) Criar oportunidades em que seja possível juntar os alunos na mesma atividade;

b) Apresentar o aluno com deficiência aos outros colegas de uma forma positiva, valorizando-o;

- c) Fazer adequações na sala de aula/ambiente para que o aluno fique envolvido, nunca deve ser colocado na periferia da sala e providenciar a adaptação das atividades ou materiais que se considerem necessárias;
- d) Usar o currículo normal para abordar assuntos de igualdade, diversidade e diferenças. Usar os elementos da turma para exemplificar. Definir estratégias com os alunos da turma para o desenvolvimento de amizades com os alunos com deficiência;
- e) Usar metodologias que promovam a cooperação entre os alunos com e sem deficiência;
- f) Reduzir ao mínimo a influência do adulto nas interações entre o aluno com deficiência e os seus pares;
- g) O professor deve mostrar a aceitação do aluno com deficiência. Normalmente os alunos tendem a seguir o modelo do professor. Deve, igualmente, falar com o aluno de uma forma natural, sem infantilizar;
- h) Devem encorajar-se e valorizar as interações espontâneas entre os alunos com e sem deficiência;
- i) Responder aos comportamentos desafiantes de uma maneira positiva que inspire os pares a imitar o comportamento.

4.3 – Formação de professores

A formação dos professores na área das necessidades educativas especiais é crucial para que a Inclusão possa acontecer nas escolas e na sociedade. Só com um bom nível de formação pessoal e profissional é possível, aos professores, responder adequadamente e sentirem-se preparados para aplicar novas estratégias de ensino e aprendizagem na sua sala de aula.

Kronberg (2003) sugere algumas abordagens que poderão contribuir para a formação dos professores das quais se destacam as seguintes:

- 1- Frequentar grupos de trabalho e conferências;
- 2- Ver e debater vídeos acerca da inclusão e de estratégias de implementação;
- 3- Participar em pequenos grupos de estudo ou grupos de discussão.

Silberman (2005) refere a importância das visitas de professores a escolas onde se verifiquem boas práticas no atendimento aos alunos com deficiência visual e/ou multideficiência, as quais poderão servir de modelos para a sua própria prática.

Serrano (2005) considera essencial que os professores possam ter a possibilidade de, de uma forma regular, poderem atualizar os seus “conhecimentos e competências necessárias às práticas inclusivas; nomeadamente através do visionamento de filmes com conteúdo de incidência na temática em questão, em paralelo com a participação em seminários e cursos” (p. 289). Aponta também a importância do diálogo com profissionais especialistas da área, como forma de complementar a formação

Relativamente ao tipo de formação a desenvolver, este autor considera que “não poderá ser mais do mesmo”, deverão ser abordados conteúdos e recursos atuais, que, na sua maioria, sejam desconhecidos dos professores, por não terem feito parte da sua formação inicial nem sejam comuns na formação contínua disponível (p. 291).

5 – PLANIFICAÇÃO

5.1 – Introito

Nesta secção serão apresentadas algumas estratégias que poderão contribuir para a superação das dificuldades e lacunas de conhecimento na lidação com os alunos com multideficiência na sala de aula. As propostas preveem ação nas áreas de Formação Pessoal e Profissional, também ao nível dos Recursos e na área de Relação Social e são apresentadas, de modo sistematizado no quadro n.º4 inserto na página seguinte.

5.2 – Pressupostos

A Inclusão dos alunos com multideficiência nas escolas do ensino regular e, consequentemente, nas turmas conjuntamente com os seus colegas sem necessidades educativas especiais é um objetivo que apenas é atingível quando TODOS estiverem preparados para que tal aconteça. Essa preparação exige conhecimentos, atitudes positivas e a organização da Escola para a Inclusão.

Ao longo deste trabalho foram identificados alguns dos fatores que, no caso em estudo, impedem que a Inclusão- no verdadeiro sentido da palavra- aconteça.

Importa agora apresentar uma proposta que poderá contribuir para que a sua superação fique mais facilitada.

6 – QUADRO DE PLANIFICAÇÃO

Os objetivos integrantes da planificação a seguir apresentada resultam quer da opinião dos participantes no estudo quer dos contributos de autores consultados e expostos na secção *Orientação para a intervenção* do Capítulo intitulado Fundamentos Teóricos do presente trabalho.

Quadro 4: Sistematização das propostas de intervenção

Áreas	Objetivos	Atividades/estratégias	Recursos
Formação pessoal e profissional	Dotar os professores dos conhecimentos científicos essenciais para lidar com alunos com MD	- Realização de workshops sobre NEE e Inclusão para docentes; - Organização de sessões de formação versando temas de organização de trabalho diferenciado em sala de aula; - Realização de ações de formação para pessoal não docente sobre NEE e Inclusão	-formador
	Aprender através da observação	- Visita a escolas onde funcionem bons exemplos de inclusão (escolas com UAEAM) - Criar oportunidades de observar e refletir sobre a sua prática.	- contactar UAM - deslocações
	Melhorar a articulação entre os profissionais envolvidos no processo educativo do	- Realização de reuniões pluridisciplinares para organização do trabalho a desenvolver com cada	

	aluno	aluno	
Recursos	Dotar a escola dos recursos materiais necessários	- Elaboração de uma lista de materiais necessários ao bom funcionamento da sala de aula e solicitá-los ao Agrupamento	Recursos financeiros
	Aumentar os recursos humanos disponíveis	- Solicitação ao MEC de mais apoio especializado; - Solicitação, junto do município, da afetação de mais pessoal auxiliar para o apoio a trabalho com NEE; - Análise da forma de atribuição de funções ao pessoal auxiliar e verificar se há a possibilidade de reorganizar o seu funcionamento (contemplar apoio de assistentes operacionais em sala de aula)	- Solicitações a instâncias superiores (MEC) - Análise da distribuição do serviço docente e não docente.
		- Redução número de alunos por turma (zelar para que a legislação seja cumprida: 20 alunos por turma)	-
Relação Social	Sensibilizar para a diferença: direitos e capacidades da pessoa com deficiência	- Criação de oportunidades de convivência entre todas as crianças (com e sem NEE) desde o JI; -Criação de um ambiente inclusivo na escola fazendo	- Implementação de estratégias na sala de aula e escola

		as adaptações (físicas) necessárias à eliminação das barreiras que se colocam à participação dos alunos com MD.	
--	--	---	--

7 – SÍNTESE CONCLUSIVA

Este trabalho teve como principal objetivo produzir contributos suscetíveis de melhorar a atitude dos professores titulares de turma face à participação de alunos com multideficiência na sua sala de aula.

A análise da informação obtida pela entrevista realizada aos participantes neste estudo permitiu responder às questões de partida:

- de um modo geral, os docentes têm opinião favorável à inclusão;
- os professores titulares de turma não têm formação específica para lidar com alunos com NEE;
- os professores titulares de turma consideram importante a formação contínua na área das NEE, procurar informação nos meios disponíveis (internet e bibliografia) e também o diálogo com colegas detentores de conhecimentos na área (sejam académicos como os conhecimentos obtidos pela prática);
- como dificuldades apontam a falta de formação, falta de disponibilidade para responder adequadamente às necessidades dos alunos e dificuldades na planificação e na preparação de materiais adequados;
- no que respeita à relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com multideficiência, entendem que é uma boa relação, benéfica para ambos pois desenvolve valores e atitudes de cooperação.

Os docentes de educação especial são de opinião que os PT ficam apreensivos e, muitas vezes, apresentam atitudes negativas ao receberem alunos com MD na sua turma, justificado (na sua opinião) pela falta de formação específica, o elevado número de alunos por turma, a heterogeneidade das turmas e as diferentes necessidades implícitas. Por outro lado apontam também a falta de linhas orientadoras e a falta de articulação entre os técnicos que compõem a equipa multidisciplinar.

A realização deste estudo permitiu identificar algumas estratégias, as quais se forem implementadas, ajudarão a resolver as dificuldades identificadas. Essas estratégias são:

- Realização de workshops sobre NEE e Inclusão para docentes;
- Organização de sessões de formação versando temas de organização de trabalho diferenciado em sala de aula;
- Realização de ações de formação para pessoal não docente sobre NEE e Inclusão
- Visita a escolas onde funcionem bons exemplos de inclusão (escolas com UAEAM)
- Realização de reuniões pluridisciplinares para organização do trabalho a desenvolver com cada aluno
- Elaboração de uma lista de materiais necessários ao bom funcionamento da sala de aula e solicitá-los ao Agrupamento
- Solicitação ao MEC de mais apoio especializado;
- Solicitação, junto do município, da afetação de mais pessoal auxiliar para o apoio a trabalho com NEE;
- Análise da forma de atribuição de funções ao pessoal auxiliar e verificar se há a possibilidade de reorganizar o seu funcionamento (contemplar apoio de assistentes operacionais em sala de aula);
- Redução número de alunos por turma (zelar para que a legislação seja cumprida: 20 alunos por turma)
- Criação de oportunidades de convivência entre todas as crianças (com e sem NEE) desde o JI;
- Criação de um ambiente inclusivo na escola e na comunidade através da interação entre os agentes da comunidade e as crianças com NEE.

Os objetivos específicos propostos para a investigação foram conseguidos e, todo o processo de realização deste trabalho, permitiu a reflexão aprofundada sobre os vários aspetos da temática abordados, tanto para a investigadora como para os professores participantes.

Acredita-se que a aplicação das medidas sugeridas poderá contribuir para a superação de algumas das dificuldades enunciadas e com isso tornar a Escola verdadeiramente Inclusiva.

A autora do presente relatório concorda com Kronberg ao afirmar que

“Desde que haja interesse, coragem e perseverança para passar por um processo de mudança, a inclusão nas escolas e classes regulares pode tornar-se uma realidade, a qual por sua vez, pode originar resultados transformadores poderosos, tanto para os alunos como para todos os que se encontram envolvidos no processo.” (2003, p.56)

8 – LINHAS EMERGENTES DE PESQUISA

Ao longo da realização deste estudo verifica-se que apesar de os professores participantes terem já um elevado número de anos de serviço e estarem constantemente em formação por imposição do Estatuto da Carreira Docente, nunca realizaram formação em NEE. Surge-nos a questão que não foi esclarecida ao longo deste trabalho: Qual ou quais as razões para que nunca tenham feito formação em NEE? Terá sido por não haver motivação? Por não haver formação na área disponibilizada pelo Centro de Formação de Professores a que pertenciam ou pertencem? Havia formação mas acarretava custos demasiado elevados? Ou outras razões?

Por outro lado parece-nos pertinente que se faça um estudo longitudinal no sentido de perceber se as Unidades de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência conseguem dar a resposta para a qual foram criadas e se fazem a diferença, no sentido positivo, no percurso de vida de quem as frequenta.

FONTES CONSULTADAS

Bibliográficas

- AEDEE (Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial), 2009. *Princípios-Chave para a Promoção da Qualidade na Educação Inclusiva – Recomendações para Decisores Políticos*, Odense, Denmark: European Agency for Development in Special Needs Education
- Bardin, L. (2003). *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto editora
- Correia, L.M. (2003). *Educação Especial e Inclusão. Quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. Porto Editora, Coleção Educação Especial, Porto.

- DGIDC (2005). *Unidades Especializadas em Multideficiência. Normas Orientadoras*. Coleção Apoios Educativos. Lisboa
- DGIDC (2006). *Avaliação e intervenção na Área das NEE*. Ministério da Educação. Lisboa.
- DGIDC (2008). *Alunos com multideficiência e com surdocegueira congénita*. Organização da Resposta Educativa. Lisboa
- Downing, J. E. (1999). *Teaching Communication Skills to Students with Severe Disabilities*. Paul Brookes Publishing Co., Inc. Baltimore, London, Toronto, Sydney.
- Nunes, C. (2001), *Aprendizagem Ativa na Criança com Multideficiência – Guia para Educadores*. Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica. Lisboa:
- Watkins, A. (Editor) (2007) *Processo de Avaliação em Contextos Inclusivos: Questões-chave para políticas e Práticas*, Odense, Dinamarca: European Agency for Development in Special Needs Education
- Rodrigues, L.L. (coord.), (2007). *Percursos de Educação Inclusiva em Portugal: dez estudos de caso*. Cruz Quebrada: FMH/Fórum de Estudos de Educação Inclusiva.
- UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais*. Edição do Instituto de Inovação Educacional. Lisboa.

Webgrafia

- Amaral, I. e Nunes, C. (2008), Educação, Multideficiência e Ensino Regular: um Processo de Mudança de Atitude. *Diversidades*, Ano 6 - nº 20, pp. 4-9). Acesso em 11/05/12, às 15h.52m em http://www.madeiraedu.pt/Portals/7/pdf/revista_diversidades/revistadiversidades_20.pdf
- Demchack, M. (2008) *Tips for Home or School. Best Educational Practices for Students with Severe & Multiple Disabilities*. Nevada Dual Sensory Impairment Project. Department of Educational Specialties. University of Nevada. Reno. Acesso em 13/07/2012 às 00:32 em <http://www.unr.edu/ndsip/tipsheets/bestedpractices.pdf>

- Demchack, M. (2008) *Tips for Home or School. Facilitating Friendships*. Nevada Dual Sensory Impairment Project. Department of Educational Specialties. University of Nevada. Reno. Acesso em 13/07/2012 às 00:36 em <http://www.unr.edu/ndsip/tipsheets/facilitatingfriendships.pdf>
- Demchack, M. (2008) *Tips for Home or School. Circles of friends*. Nevada Dual Sensory Impairment Project. Department of Educational Specialties. University of Nevada. Reno. Acesso em 13/07/2012 às 00:39 em <http://www.unr.edu/ndsip/tipsheets/circlesoffriends.pdf>.
- Martins, M. F. S. (2005). *Inclusão: Um Olhar sobre as Atitudes e Práticas dos Professores*. Dissertação apresentada à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, para a obtenção do grau de Mestre, orientada pela Professora Doutora Alcina Manuela Oliveira Martins. Acesso em 11/05/12, 16h44m em <http://fernandamartins.com.sapo.pt/TeseMestrado.pdf>,
- Serrano, J.M.M. (2005) *Percursos e Práticas Para Uma Escola Inclusiva*. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança. Acesso em 23/07/12 às 19.16 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6981/2/Tese%20de%20Doutoramento.pdf>
- Silberman, R. K. (2005) *Expansion of the Role of the Teacher of Students With Visual Impairments: Providing for Students Who Also Have Severe/Multiple Disabilities*. Council of Exceptional Children - Division of Visual Impairments. Position Paper. Acesso em 13/07/12, 00:28 em <http://www.cde.state.co.us/cdesped/download/pdf/blv-ExpansionRoleTVI.pdf>,

LEGISLAÇÃO

Decreto Lei 3/2008 de 7 de Janeiro

Decreto Lei 6/2001 de 18 de Janeiro

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Entrevista realizada aos Professores titulares de Turma (PT1, PT2, PT3 e PT4)

Apêndice 1 a)

Guião da entrevista realizada aos Professores titulares de Turma (PT1, PT2, PT3 e PT4)

Guião

Tema: Como melhorar a atitude dos professores titulares de turma face à participação dos alunos com multideficiência na sua sala de aula?

Objetivo Geral: Conhecer a opinião dos professores titulares de turma face à inclusão dos alunos com multideficiência na sua sala de aula.

Bloco temático A: Legitimação da entrevista.

Bloco temático B: Opinião sobre a inclusão.

Bloco temático C: Grau de preparação para lidar com NEE.

Bloco temático D: Dificuldades sentidas na lidação com NEE.

Bloco temático E: Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD.

Bloco temático F: Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD.

Bloco temático G: Opinião acerca do trabalho do docente de educação especial.

Bloco temático H: Finalização.

Entrevistado: Professores do 1º CEB (4) e docentes de educação especial (3) a trabalhar com alunos MD.

Blocos/Temas	Objetivos	Formulário de Questões	Tópicos
A. Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	Solicitar autorização para realização de gravação áudio da entrevista	Dar a conhecer os objetivos da entrevista; Assegurar a confidencialidade dos dados recolhidos e o anonimato; Solicitar autorização para gravar a entrevista para posterior análise do conteúdo.
B. Opinião sobre inclusão	Conhecer a opinião dos professores titulares de turma sobre a inclusão	1.1 – O que entende por inclusão? 1.2 – Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com NEE na escola	Esclarecer conceitos (Inclusão, NEE, MD) Inclusão de alunos com NEE Inclusão de

		regular? 1.3 – Considerando uma resposta positiva em relação à inclusão, acha que mesmo os alunos com problemas mais severos devem estar na escola regular? Porquê?	alunos com MD
C. Grau de preparação para lidar com NEE	Identificar o nível de formação em necessidades educativas especiais que os professores detêm. Identificar áreas fortes e fracas do seu conhecimento.	2.1 – Já fez formação na área das necessidades educativas especiais? 2.2 – Se sim, que área e tipo de formação? 2.3 – A formação adquirida é-lhe útil e suficiente no trabalho com alunos NEE? 2.4 – Como procura informação para melhor responder aos problemas didáticos do dia a dia?	Tipo de formação – especializada, contínua, Workshops, seminários... Área de Formação – (dislexia, PHDA, visão, audição, cognitivo, motor...)
D. Dificuldades sentidas na lidação com NEE	Saber quais são as principais dificuldades que os professores sentem/apresentam ao trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais.	3.1 – Sente dificuldades em trabalhar com alunos com NEE? 3.2 – Se sim, de que tipo? 3.3 – O grau de dificuldade difere com a problemática? 4 – Quais as razões de tais dificuldades?	Especificament e MD- que dificuldades se evidenciam? Em termos de conhecimentos, o que falta? Dificuldades na planificação, organização, desenvolvimento ou avaliação das atividades Apoio Colaboração entre a equipa
E. Relação social entre alunos	Perceber qual é a opinião dos	5 – O que acha sobre a relação dos	Solicitação para as brincadeiras

sem NEE e os seus pares com MD	docentes sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com multideficiência	alunos sem NEE para com os seus pares com MD? 6.1 – No seu entender o que sentem os alunos MD em relação à forma como são tratados pelos seus colegas sem NEE? Acha que há diferenças de tratamento entre alunos sem NEE e destes para com os alunos MD? Se sim, explicita tais diferenças? Verificam-se atitudes de partilha e colaboração entre os dois tipos de alunos na sala de aula? 6.2 – Se sim, quais? 6.3 – E no recreio?	Interação – comunicação Realização de trabalhos dentro e fora da sala de aula
F. Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD	Saber quais são as necessidades – para além das de formação- para melhorar a inclusão dos alunos com multideficiência	7 – O que acha ser necessário – para além de formação específica – para melhorar a inclusão dos alunos com MD: 7.1 – Por parte dos docentes? 7.2 – Por parte dos colegas?	Apoio EE Apoio Direção do Agrupamento Recursos Colaboração entre a equipa multidisciplinar Atitude
G. Opinião acerca do trabalho do docente de educação especial	Conhecer a opinião do docente de educação especial sobre a forma como os professores titulares de turma reagem à inclusão de alunos com multideficiência	9.1 – O que pensa sobre a atitude dos professores titulares de turma ao receberem alunos com MD na sua turma? 9.2 – Que factores contribuem	Apoios Resistência Participação dos alunos com MD Atitude

		para esse comportamento? 9.3 – Concorda com esse tipo de atitude? Porquê?	
H. Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	10 – Tem mais alguma coisa a acrescentar sobre a temática desta conversa? (agradecer e valorizar a colaboração para o bom êxito da investigação)	Esgotar a obtenção de informação. Agradecimentos

APÊNDICE 1b)

Protocolo da Entrevista ao Professor Titular de Turma – PT1

Protocolo da Entrevista ao Professor Titular de Turma – PT1

E- Como sabe, esta entrevista faz parte do estudo sobre a inclusão de crianças com multideficiência na escola regular, no âmbito do mestrado em educação especial. A sua colaboração é muito importante. Espero que se sinta confortável...Fique à vontade...Os dados recolhidos serão confidenciais e, tanto a escola como os intervenientes no estudo, não serão identificados. Permite que grave a entrevista?

PT1- Ok.

E- Vamos então começar... O que entende por inclusão?

PT1 – Na minha opinião inclusão é a integração dos alunos com NEE numa escola de ensino regular, que lhes faculte todas as oportunidades, adaptando os seus currículos aos seus problemas específicos e respeitando todas as suas diferenças.

E- Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com NEE na escola regular?

PT1- Para mim todas as crianças têm os mesmos direitos independentemente das suas diferenças, pelo que a escola deverá adequar as práticas pedagógicas de acordo com a diversidade dos seus alunos.

E- Considerando uma resposta positiva em relação à inclusão, acha que mesmo os alunos com problemas mais severos devem estar na escola regular? Porquê?

PT1- Acho que todos os alunos devem aprender juntos, sempre que isso seja possível.

E- Já fez formação na área das necessidades educativas especiais?

PT1-Não, nunca fiz formação...

E – Como procura informação para melhor responder aos problemas didáticos do dia a dia?

PT1- Recorro muitas vezes à professora do ensino especial ou leio sobre o assunto em livros de especialidade.

E- Sente dificuldades em trabalhar com alunos com NEE?

PT1- Por vezes sim.

E – De que tipo?

PT1- Por vezes não sabem esperar pela sua vez e torna-se difícil estar constantemente disponível para eles, visto que temos os restantes alunos que também necessitam do nosso apoio. Também sinto dificuldade em planificar determinadas matérias e materiais necessários.

E – O grau de dificuldade difere com a problemática?

PT1- Sim.

E- Quais as razões de tais dificuldades?

PT1- Penso que as duas principais razões são o facto de haver turmas muito grandes e a falta de formação na área.

E- O que acha sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com MD?

PT1- Os alunos sem NEE tratam os seus pares com muito respeito e num espírito de ajuda.

E – No seu entender o que sentem os alunos MD em relação à forma como são tratados pelos seus colegas sem NEE?

PT1- Sentem-se muito bem, nota-se alegria nos seus rostos e gostam de partilhar assuntos com o professor titular e com os seus pares.

E- Acha que há diferenças de tratamento entre alunos sem NEE e destes para com os alunos MD?

PT1- Acho que não.

E- Verificam-se atitudes de partilha e colaboração entre os dois tipos de alunos na sala de aula?

PT1- Sim.

E- Quais?

PT1- Os alunos sem NEE tiram e colocam o material escolar na mochila da colega, empurram a cadeira, sempre que a colega solicita ajuda no computador há sempre um aluno disponível para ajudar.

E– E no recreio?

PT1- No recreio, vejo que lhe empurram a cadeira e brincam com ela.

E- O que acha ser necessário – para além de formação específica – para melhorar a inclusão dos alunos com MD:

E– Por parte dos docentes?

PT1- É importante ter turmas reduzidas, como está previsto legalmente, e mais apoio especializado.

E– Por parte dos colegas (pares)?

PT1- Os colegas podem distribuir algumas tarefas da sala de aula a estes alunos.

E- O que pensa sobre o apoio que os professores de educação especial prestam ao aluno com MD na sua turma?

PT1- O apoio é muito valioso e imprescindível, no entanto é escasso...

E – Existe algum aspeto que possa ser melhorado relativamente a esse apoio?

PT1- O professor do ensino especial deveria ter mais horas, para que lhe pudesse dar apoio individualizado e não partilhado com outros alunos com NEE existentes nas turmas.

E- Tem mais alguma coisa a acrescentar sobre a temática desta conversa?

PT1- Não, penso que não...

E- Agradeço a sua disponibilidade e colaboração. Muito obrigado...

APÊNDICE 1 c)

Grelha de análise de conteúdo da entrevista a PT1

Grelha de Análise de conteúdo – PT1

Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
		PT1
A. Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	
B. Opinião sobre inclusão		<i>“Inclusão é a integração dos alunos com NEE numa escola de ensino regular”</i> <i>“ que (a escola) lhes faculte todas as oportunidades” adaptando os seus currículos aos seus problemas específicos e respeitando todas as suas diferenças”;</i> <i>“todas as crianças têm os mesmos direitos independentemente das suas diferenças”;</i> <i>“...a escola deverá adequar as práticas pedagógicas de acordo com a diversidade dos seus alunos”</i>
C. Grau de preparação para lidar com NEE	Formação em necessidades educativas especiais	“Não”
	Áreas fortes e fracas de preparação pessoal	
D. Dificuldades sentidas na lidação com NEE	Dificuldades sentidas no trabalho com alunos com NEE	<i>“não sabem esperar pela sua vez”;</i> <i>“difícil estar constantemente disponível para eles”;</i> <i>“restantes alunos que também necessitam do nosso apoio”;</i> <i>“dificuldade em planificar determinadas matérias e materiais necessários”.</i>
	Razão para as dificuldades sentidas	<i>“turmas muito grandes”</i> <i>“falta de formação na área”</i>
E. Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD	Opinião dos docentes sobre a relação social	<i>“alunos sem NEE tratam os seus pares com muito respeito”;</i> <i>“espírito de ajuda”</i> <i>(alunos com MD) “sentem-se muito bem”;</i> <i>“alegria nos seus rostos; gostam de partilhar assuntos”.</i>
	Atividades/momentos de interação/partilha	<i>“tiram e colocam o material escolar na mochila da colega”;</i> <i>“empurram a cadeira”</i>

		<i>“sempre que a colega solicita ajuda no computador há sempre um aluno disponível para ajudar”;</i> <i>“brincam com ela”.</i>
F. Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD		<i>“turmas reduzidas”</i> <i>“mais apoio especializado”</i> <i>“ distribuir algumas tarefas da sala de aula a estes alunos”</i>
G. Opinião acerca do trabalho do docente de educação especial		<i>“apoio é muito valioso”;</i> <i>“imprescindível”;</i> <i>“escasso”;</i> <i>“ensino especial deveria ter mais horas”;</i> <i>“apoio individualizado e não partilhado”.</i>
H. Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	-----

APÊNDICE 1 d)

Protocolo da entrevista a PT2

Protocolo da Entrevista ao Professor Titular de Turma – PT2

E- Como sabe, esta entrevista insere-se num estudo sobre a inclusão de crianças com multideficiência na escola regular, no âmbito do mestrado em educação especial. A sua colaboração é muito importante pois permitirá a recolha de informações que, de outra forma seria impossível obter. Espero que se sinta confortável...os dados recolhidos serão confidenciais e, tanto a escola como os intervenientes no estudo, não serão identificados. Permite que grave a entrevista?

PT2- Claro, pode gravar.

E– Vamos então começar. O que entende por inclusão?

PT2- É integrar os alunos com NEE na escola regular

E– Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com NEE na escola regular?

PT2- A inclusão desses alunos é benéfica e positiva para eles (os alunos com NEE) e para os sem NEE. Existe convívio, conhecimento de outras realidades para ambos os alunos. Os alunos sem NEE têm que aprender a aceitar, conhecer e entender a diferença.

E– Considerando uma resposta positiva em relação à inclusão, acha que mesmo os alunos com problemas mais severos devem estar na escola regular? Porquê?

PT2- Para já não. Porque neste momento as escolas não dão a resposta adequada (com falta de recursos humanos e físicos) para esse tipo de alunos.

2.1 – Já fez formação na área das necessidades educativas especiais?

PT2- Não, nunca fiz...

E – Como procura informação para melhor responder aos problemas didáticos do dia a dia?

PT2-Pesquisa na internet, procuro bibliografia sobre informação pretendida, troca de informação entre colegas...são estas as fontes onde procuro a informação sobre as características das problemáticas que tenho na sala de aula.

E- Sente dificuldades em trabalhar com alunos com NEE?

PT2- Sim, algumas...

E – De que tipo?

PT2- As dificuldades que tenho não são académicas. São mais em flexibilizar o tempo. Tenho uma turma heterogénea com elementos que requerem apoio individualizado, por isso estou sempre a ser solicitada.

E – O grau de dificuldade difere com a problemática?

PT2- Sim, penso que sim.

E- Quais as razões de tais dificuldades?

PT2- São várias as razões: falta de recursos humanos e falta de materiais pedagógicos adequados...falta de formação inicial ... falta de formação contínua...

E- O que acha sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com MD?

PT2- A relação é muito boa. Existiu, desde o primeiro dia, um espírito de entreajuda, aceitação, cooperação e solidariedade... Não existe rejeição.

E – No seu entender o que sentem os alunos MD em relação à forma como são tratados pelos seus colegas sem NEE?

PT2- Penso que se sentem felizes, acarinhados e que são respeitados.

E- Acha que há diferenças de tratamento entre alunos sem NEE e destes para com os alunos MD?

PT2- Não, acho que não.

E- Verificam-se atitudes de partilha e colaboração entre os dois tipos de alunos na sala de aula?

PT2- Sim...os outros alunos estão sempre interessados em ajudar.

E- Quais?

PT2- Eles ajudam na realização de alguns trabalhos...na colocação da mochila às costas...ajudam para vestir o casaco e ou despir.

E– E no recreio?

PT2- Ajudam a segurar o lanche e chamam-na a participar nalguns jogos.

E- O que acha ser necessário – para além de formação específica – para melhorar a inclusão dos alunos com MD:

– Por parte dos docentes?

PT2- Sentirem-se mais apoiados com pessoal não docente dentro da sala de aula, mas é necessário que também estes tenham formação em necessidades educativas especiais e também mais materiais.

– e por parte dos colegas deles?

PT2- Maior sensibilização para a diferença porque somos todos diferentes. Fazer "sentir" aos colegas sem NEE as dificuldades que muitos colegas com NEE têm...se isto for feito haverá com certeza ainda maior compreensão e respeito pelos alunos com NEE.

E- O que pensa sobre o apoio que os professores de educação especial prestam ao aluno com MD na sua turma?

PT2- Fazem um excelente trabalho. Além da parte pedagógica/curricular, fazem atividades que os preparam para a vida em sociedade, o que é ótimo.

E – Existe algum aspeto que possa ser melhorado relativamente a esse apoio?

PT2- Penso que os docentes deram o seu melhor.

E– Tem mais alguma coisa a acrescentar sobre a temática desta conversa?

PT2- A articulação, entre os docentes titulares de turma e os docentes da Unidade de Apoio à MD é muito importante para que a Inclusão seja a mais perfeita possível.

E- Obrigado pela sua disponibilidade e colaboração.

APÊNDICE 1 e)

Grelha de análise de conteúdo da entrevista a PT2

Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
		PT2
A. Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	
B. Opinião sobre inclusão		<i>“É integrar os alunos com NEE na escola regular”;</i> <i>“benéfica e positiva para eles (os alunos com NEE) e para os sem NEE”;</i> <i>“Existe convívio”;</i> <i>“conhecimento de outras realidades para ambos os alunos”;</i> <i>“alunos sem NEE têm que aprender a aceitar, conhecer e entender a diferença”.</i> <i>“as escolas não dão a resposta adequada”</i>
C. Grau de preparação para lidar com NEE	Formação em necessidades educativas especiais	<i>“Não ”</i>
	Áreas fortes e fracas de preparação pessoal	<i>“Pesquisei na internet”</i> <i>“procuro bibliografia sobre informação pretendida”;</i> <i>“troca de informação entre colegas”</i>
D. Dificuldades sentidas na lidação com NEE	Dificuldades sentidas no trabalho com alunos com NEE	<i>“não são académicas”;</i> <i>“flexibilizar o tempo”</i>
	Razão para as dificuldades sentidas	<i>“turma heterogénea com elementos que requerem apoio individualizado”</i> <i>“falta de recursos humanos”;</i> <i>“ falta de materiais pedagógicos adequados”;</i> <i>“falta de formação inicial”;</i> <i>“falta de formação contínua”</i>
E. Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD	Opinião dos docentes sobre a relação social	<i>“relação é muito boa”;</i> <i>“espírito de entreaajuda, aceitação, cooperação e solidariedade”;</i> <i>“Não existe rejeição”;</i> <i>“outros alunos estão sempre interessados em ajudar”;</i> <i>“felizes, acarinhados”;</i>

		<i>“respeitados”</i>
	Atividades/momentos de interação/partilha	<i>“ajudam na realização de alguns trabalhos” “colocação da mochila às costas...ajudam para vestir o casaco e ou despir”. “Ajudam a segurar o lanche” “chamam-na a participar nalguns jogos”</i>
F. Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD		<i>“Maior sensibilização para a diferença Fazer "sentir" aos colegas sem NEE as dificuldades que muitos colegas com NEE têm”; “Sentirem-se mais apoiados com pessoal não docente dentro da sala de aula...que também estes tenham formação em necessidades educativas especiais” “mais materiais”</i>
G. Opinião acerca do trabalho do docente de educação especial		<i>“excelente trabalho”; “Além da parte pedagógica/curricular, fazem atividades que os preparam para a vida em sociedade” “docentes deram o seu melhor”</i>
H. Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	<i>“articulação entre os docentes titulares de turma e os docentes da Unidade de Apoio à MD é muito importante para que a Inclusão seja a mais perfeita possível”</i>

APÊNDICE 1 f)

Protocolo da entrevista a PT3

Protocolo da Entrevista ao Professor Titular de Turma – PT3

E- Como sabe esta entrevista faz parte do estudo sobre a inclusão de crianças com multideficiência na escola regular, no âmbito do mestrado em educação especial que estou a fazer. A sua colaboração é muito importante. Quero se se sinta confortável ... os dados recolhidos serão confidenciais e, tanto a escola como os intervenientes no estudo, não serão identificados. Permite que grave a entrevista?

PT3-Sim.

E- Vamos lá então... O que entende por inclusão?

PT3- Inclusão é a integração efetiva de alunos com NEE na turma.

E- Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com NEE na escola regular?

PT3- Tem vantagens e desvantagens, dependendo da problemática de cada criança e dos recursos disponíveis.

E-Acha que mesmo os alunos com problemas mais severos devem estar na escola regular? Porquê?

PT3- Sim, desde que não prejudiquem o aproveitamento escolar dos outros.

E- Já fez formação na área das necessidades educativas especiais?

PT3- Sim

E- Em que área?

PT3- Fiz o Complemento de formação na área das NEE - apoios educativos.

E- A formação adquirida é-lhe útil e suficiente no trabalho com alunos NEE?

PT3- Sim, é...

E - Como procura informação para melhor responder aos problemas didáticos do dia a dia?

PT3- Normalmente faço pesquisa e diálogo com as colegas.

E- Sente dificuldades em trabalhar com alunos com NEE?

PT3- Não.

E- O que acha sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com MD?

PT3- Acho que é boa, as crianças reagem de forma natural e sem preconceitos.

E - No seu entender o que sentem os alunos MD em relação à forma como são tratados pelos seus colegas sem NEE?

PT3- Os alunos com NEE sentem que fazem parte do todo.

E- Acha que há diferenças de tratamento entre alunos sem NEE e destes para com os alunos MD? Se sim, explicita tais diferenças?

PT3- Não, penso que não...

E- Verificam-se atitudes de partilha e colaboração entre os dois tipos de alunos na sala de aula?

PT3- Sim.

E- Quais?

PT3- Por vezes há colaboração no trabalho e ajuda em algumas tarefas.

E- E no recreio?

PT3- No recreio fazem jogos em conjunto, chamam-na para as suas brincadeiras.

E- O que acha ser necessário – para além de formação específica – para melhorar a inclusão dos alunos com MD:

– Por parte dos docentes?

PT3- Acho que devemos tratar todos os alunos de igual forma atendendo à individualidade de cada um.

– E por parte dos colegas da turma e da escola?

PT3- Penso que os alunos podem ainda partilhar mais experiências tanto na sala como no recreio.

E- O que pensa sobre o apoio que os professores de educação especial prestam ao aluno com MD na sua turma?

PT3- Fazem tudo o que podem pelos alunos e na UAM fazem o trabalho que não é possível na sala do regular.

E – Existe algum aspeto que possa ser melhorado relativamente a esse apoio?

PT3- Há sempre hipótese de melhorar, mas penso que fazem o seu melhor.

E- Tem mais alguma coisa a acrescentar sobre a temática desta conversa?

PT3- Não.

E- Então terminámos... Agradeço a sua disponibilidade e colaboração. Obrigado

APÊNDICE 1 g)

Grelha de análise de conteúdo da entrevista a PT3

Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
		PT3
A. Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	
B. Opinião sobre inclusão		<i>“integração efetiva de alunos com NEE na turma”;</i> <i>“ Tem vantagens e desvantagens, dependendo da problemática de cada criança e dos recursos disponíveis”;</i> <i>“desde que não prejudiquem o aproveitamento escolar dos outros”;</i>
C. Grau de preparação para lidar com NEE	Formação em necessidades educativas especiais	<i>“Complemento de formação na área das NEE - apoios educativos”</i>
	Áreas fortes e fracas de preparação pessoal	<i>“faço pesquisa”;</i> <i>“diálogo com as colegas”</i>
D. Dificuldades sentidas na lidação com NEE	Dificuldades sentidas no trabalho com alunos com NEE	<i>“Não”</i>
	Razão para as dificuldades sentidas	-----
E. Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD	Opinião dos docentes sobre a relação social	<i>“boa”;</i> <i>“reagem de forma natural e sem preconceitos”.</i> <i>“alunos com NEE sentem que fazem parte do todo”</i>
	Atividades/momentos de interação/partilha	<i>“colaboração no trabalho”;</i> <i>“ajuda em algumas tarefas”</i> <i>“jogos em conjunto”</i> <i>“chamam-na para as suas brincadeiras”</i>
F. Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD		<i>“tratar todos os alunos de igual forma atendendo à individualidade de cada um”;</i> <i>“partilhar mais experiências tanto na sala como no recreio”</i>
G. Opinião acerca		<i>“Fazem tudo o que podem pelos alunos”</i>

do trabalho do docente de educação especial		<i>“na UAM fazem o trabalho que não é possível na sala do regular”</i> <i>“Há sempre hipótese de melhorar”</i>
H. Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	-----

APÊNDICE 1 h)

Protocolo da entrevista a PT4

Protocolo da Entrevista ao Professor Titular de Turma – PT4

E- A presente entrevista insere-se num estudo sobre a inclusão de crianças com multideficiência na escola regular, no âmbito do mestrado em educação especial. A sua colaboração é muito importante pois permitirá a recolha de informações que, de outra forma seria impossível obter. Os dados recolhidos serão confidenciais e, tanto a escola como os intervenientes no estudo, não serão identificados. Permite que grave a entrevista?

PT5- Claro, pode gravar.

E- Vamos então começar. O que entende por inclusão?

PT4 – Eu entendo que a Inclusão é Inserção dos alunos NEE nas turmas das escolas do regular.

E- Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com NEE na escola regular?

PT4- Penso que a inclusão de alunos com NEE na escola é sempre muito enriquecedora para todos, pela partilha de vivências entre os alunos com e sem NEE, pela criação de um espírito colaboração e interajuda entre todos, bem como o saber ver aquele que tem NEE, sem ser “*o coitadinho*”...

Todavia essa inclusão nem sempre acontece como se deseja, por dificuldades que nos transcendem...

E- Considerando uma resposta positiva em relação à inclusão, acha que mesmo os alunos com problemas mais severos devem estar na escola regular? Porquê?

PT4- Na realidade penso que os casos mais severos poderão estar na escola regular se houver a possibilidade de terem apoio direto e constante, dado que por vezes há alunos com NEE com atitudes/barulhos que provocam a distração/riso dos seus pares e, se isto for uma constante, é difícil a transmissão dos saberes ao resto da turma.

2.1 – Já fez formação na área das necessidades educativas especiais?

PT4- Nunca fiz formação na área das necessidades educativas especiais.

E – Como procura informação para melhor responder aos problemas didáticos do dia a dia?

PT4- Normalmente converso com as colegas que têm ou tiveram problemas similares, se não peço ajuda à professora de educação especial.

E- Sente dificuldades em trabalhar com alunos com NEE?

PT4- Sim. Reconheço que sinto algumas dificuldades em trabalhar com alunos com NEE.

E – De que tipo?

PT4- Principalmente na gestão do tempo e no apoio direto à minha aluna...ela precisa de apoio constante mas eu tenho a restante turma para trabalhar. Desde que está na UAM não tem apoio na sala de aula...acho que lhe faz falta. Ela precisa de ajuda para realizar todos os trabalhos... Ao nível da programação e selecção de atividades para ela fazer também...

E – O grau de dificuldade difere com a problemática?

PT4- Sim. As necessidades da minha aluna que tem muitas dificuldades motoras são diferentes das de um aluno com défice cognitivo...

E- Quais as razões de tais dificuldades?

PT4- A minha formação inicial não me preparou adequadamente para trabalhar com NEE. Depois disso também não fiz formação sobre o tema, tal como já disse anteriormente.

E- O que acha sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com MD?

PT4- Todos os alunos da minha turma mantêm uma ótima relação com a colega com MD.

E – No seu entender o que sentem os alunos MD em relação à forma como são tratados pelos seus colegas sem NEE?

PT4- Eu penso que a minha aluna sabe que todos os seus colegas sem NEE, nutrem por ela um carinho muito especial, mas que tem direito a ser tratada de forma especial.

E- Acha que há diferenças de tratamento entre alunos sem NEE e destes para com os alunos MD? Quais são essas diferenças?

PT4- Mesmo que não se queira, há sempre a tendência de diferenciar o tratamento...os alunos sem NEE tentam sempre protegê-la . Fazem-lhe mais as vontades do que fariam a um outro colega.

E- Verificam-se atitudes de partilha e colaboração entre os dois tipos de alunos na sala de aula?

PT4- Sim.

E- Quais?

PT4- Na minha sala de aula e tendo em conta as dificuldades da minha aluna, os seus colegas tiram- lhe o estojo da mochila e retiram do seu interior os materiais que ela

necessita; se algo lhe cai para o chão, há sempre alguém que o apanha; vão buscar-lhe o dossier e colocam as folhas de trabalho, se for o caso; o colega da mesa partilha com ela a observação dos manuais, em especial o de Estudo do Meio, de forma que ela possa ser questionada sobre o tema em estudo e demonstrar os seus conhecimentos, e outras....

E– E no recreio?

PT4- Começam sempre por retirar da mochila a merenda que ela traz e depois gostam de conduzir a cadeira de rodas até ao recreio onde às vezes dão uma ajudinha no desembulhar da merenda quando ela não consegue. Também gostam de passeá-la pelo recreio e no final ajudam-na a conduzir a cadeira na parte mais plana do acesso, uma vez que na rampa mais acentuada tem de ser apoiada por um adulto.

E- O que acha ser necessário – para além de formação específica – para melhorar a inclusão dos alunos com MD:

– Por parte dos docentes?

PT4- Acho que para melhorar a inclusão dos alunos com MD, se precisa de mais tempo para eles. Isto só possível com uma substancial e real redução do número de alunos por turma, pois tendo em conta a minha turma atual, em que existem bastantes alunos com dificuldades de aprendizagem, mesmo que venha a ser reduzida para vinte alunos, acho que serão demais para poder fazer um trabalho adequado.

– Por parte dos colegas (pares)?

PT4- Penso que é importante contactarem com a deficiência desde muito novos, assim aceitam mais facilmente a diferença e a sua sensibilidade para as questões relacionadas com a deficiência.

E- O que pensa sobre o apoio que os professores de educação especial prestam ao aluno com MD na sua turma?

PT4- Acho- o imprescindível e como tal, sem esse apoio, seria difícil fazer um acompanhamento adequado à minha aluna.

E – Existe algum aspeto que possa ser melhorado relativamente a esse apoio?

PT4- De momento não me ocorre nenhum aspeto em que se possa melhorar.

E– Tem mais alguma coisa a acrescentar sobre a temática desta conversa?

PT4- Não tenho mais nada a acrescentar.

E- Agradeço a sua disponibilidade e colaboração que me permitiram recolher dados imprescindíveis e assim concluir com êxito a investigação em curso.

APÊNDICE 1 i)

Grelha de análise de conteúdo da entrevista a PT4

Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
		PT4
A. Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	
B. Opinião sobre inclusão		<i>“Inserção dos alunos Nee nas turmas das escolas do regular”;</i> <i>“sempre muito enriquecedora para todos”;</i> <i>“partilha de vivências entre os alunos com e sem NEE”;</i> <i>“pela criação de um espírito colaboração e interajuda entre todos”;</i> <i>“ver aquele que tem NEE, sem ser “o coitadinho”;</i> <i>“inclusão nem sempre acontece como se deseja, por dificuldades que nos transcendem”;</i> <i>“casos mais severos poderão estar na escola regular se houver a possibilidade de terem apoio direto e constante”</i>
C. Grau de preparação para lidar com NEE	Formação em necessidades educativas especiais	<i>“Nunca fiz formação”</i>
	Áreas fortes e fracas de preparação pessoal	<i>“converso com as colegas”;</i> <i>“peço ajuda à professora de educação especial”</i>
D. Dificuldades sentidas na lidação com NEE	Dificuldades sentidas no trabalho com alunos com NEE	<i>“gestão do tempo”;</i> <i>“apoio direto à minha aluna”</i> <i>“precisa de apoio constante”;</i> <i>“ não tem apoio na sala de aula...acho que lhe faz falta”;</i> <i>“precisa de ajuda para realizar todos os trabalhos”;</i> <i>“ Ao nível da programação e seleção de atividades”.</i>
	Razão para as dificuldades sentidas	<i>alunos com NEE com atitudes/barulhos que provocam a distração/riso dos seus pares</i> <i>“formação inicial não me preparou adequadamente”;</i> <i>“ não fiz formação sobre o tema”.</i>
E. Relação social entre alunos sem	Opinião dos docentes sobre a relação social	<i>“ótima relação”;</i> <i>“ colegas sem NEE, nutrem por ela um carinho muito especial”;</i>

NEE e os seus pares com MD		<i>“tem direito a ser tratada de forma especial”;</i> <i>“há sempre a tendência de diferenciar o tratamento”;</i> <i>“alunos sem NEE tentam sempre protegê-la”;</i> <i>“Fazem-lhe mais as vontades”</i>
	Atividades/momentos de interação/partilha	<i>“tiram- lhe o estojo da mochila”;</i> <i>“retiram do seu interior os materiais que ela necessita”;</i> <i>“se algo lhe cai para o chão, há sempre alguém que o apanha”;</i> <i>“vão buscar-lhe o dossier e colocam as folhas de trabalho”, “colega da mesa partilha com ela a observação dos manuais”;</i> <i>“ retirar da mochila a merenda”;</i> <i>“ conduzir a cadeira de rodas”;</i> <i>“ às vezes dão uma ajudinha no desembulhar da merenda”;</i> <i>“gostam de passeá-la pelo recreio”</i>
F. Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD		<i>“ mais tempo para eles”;</i> <i>“ substancial e real redução do número de alunos por turma”;</i> <i>“ importante contactarem com a deficiência desde muito novos”.</i>
G. Opinião acerca do trabalho do docente de educação especial		<i>“imprescindível”;</i>
H. Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	

APÊNDICE 2

Entrevista aos Docentes de Educação Especial (DEE1, DEE2, DEE3)

APÊNDICE 2 a)

Guião da entrevista aos Docentes de Educação Especial (DEE1, DEE2, DEE3)

Guião

Tema: Como melhorar a atitude dos professores titulares de turma face à participação dos alunos com multideficiência na sua sala de aula?

Objetivo Geral: Conhecer a opinião dos professores titulares de turma face à inclusão dos alunos com multideficiência na sua sala de aula.

Bloco temático A: Legitimação da entrevista.

Bloco temático B: Opinião sobre a inclusão.

Bloco temático C: Grau de preparação para lidar com NEE.

Bloco temático D: Dificuldades sentidas na lidação com NEE.

Bloco temático E: Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD.

Bloco temático F: Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD.

Bloco temático G: Opinião do docente de educação especial sobre atitudes do professor titular de turma na inclusão dos alunos MD.

Bloco temático H: Finalização.

Entrevistado: Professores do 1º CEB (4) e docentes de educação especial (2) a trabalhar com alunos MD.

Blocos/Temas	Objetivos	Formulário de Questões	Tópicos
A. Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	Solicitar autorização para realização de gravação áudio d a entrevista	Dar a conhecer os objetivos da entrevista; Assegurar a confidencialidade dos dados recolhidos e o anonimato; Solicitar autorização para gravar a entrevista para posterior análise do conteúdo.
B. Opinião sobre inclusão	Conhecer a opinião dos professores titulares de turma sobre a inclusão	1.1 – O que entende por inclusão? 1.2 – Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos	Esclarecer conceitos (Inclusão, NEE, MD) Inclusão de alunos com NEE

		com NEE na escola regular? 1.3 – Considerando uma resposta positiva em relação à inclusão, acha que mesmo os alunos com problemas mais severos devem estar na escola regular? Porquê?	Inclusão de alunos com MD
C. Grau de preparação para lidar com NEE	Identificar o nível de formação em necessidades educativas especiais que os professores detêm. Identificar áreas fortes e fracas do seu conhecimento.	2.1 – Já fez formação na área das necessidades educativas especiais? 2.2 – Se sim, que área e tipo de formação? 2.3 – A formação adquirida é-lhe útil e suficiente no trabalho com alunos NEE? 2.4 – Como procura informação para melhor responder aos problemas didáticos do dia a dia?	Tipo de formação – especializada, contínua, Workshops, seminários... Área de Formação – (dislexia, PHDA, visão, audição, cognitivo, motor...)
D. Dificuldades sentidas na lidação com NEE	Saber quais são as principais dificuldades que os professores sentem/apresentam ao trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais.	3.1 – Sente dificuldades em trabalhar com alunos com NEE? 3.2 – Se sim, de que tipo? 3.3 – O grau de dificuldade difere com a problemática? 4 – Quais as razões de tais dificuldades?	Especificament e MD- que dificuldades se evidenciam? Em termos de conhecimentos, o que falta? Dificuldades na planificação, organização, desenvolvimento ou avaliação das atividades Apoio Colaboração

			entre a equipa
E. Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD	Perceber qual é a opinião dos docentes sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com multideficiência	5 – O que acha sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com MD? 6.1 – No seu entender o que sentem os alunos MD em relação à forma como são tratados pelos seus colegas sem NEE? Acha que há diferenças de tratamento entre alunos sem NEE e destes para com os alunos MD? Se sim, explicita tais diferenças? Verificam-se atitudes de partilha e colaboração entre os dois tipos de alunos na sala de aula? 6.2 – Se sim, quais? 6.3 – E no recreio?	Solicitação para as brincadeiras Interação – comunicação Realização de trabalhos dentro e fora da sala de aula
F. Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD	Saber quais são as necessidades – para além das de formação- para melhorar a inclusão dos alunos com multideficiência	7 – O que acha ser necessário – para além de formação específica – para melhorar a inclusão dos alunos com MD: 7.1 – Por parte dos docentes? 7.2 – Por parte dos colegas?	Apoio EE Apoio Direção do Agrupamento Recursos Colaboração entre a equipa multidisciplinar Atitude
G. Opinião do docente de Educação especial sobre atitudes do professor titular de turma na	Conhecer a opinião do docente de educação especial sobre a forma como os	8.1 – O que pensa sobre a atitude dos professores titulares de turma	Apoios Resistência Participação dos alunos com MD

inclusão dos alunos MD	professores titulares de turma reagem à inclusão de alunos com multideficiência	ao receberem alunos com MD na sua turma? 8.2 – Que fatores contribuem para esse comportamento? 8.3 – Concorda com esse tipo de atitude? Porquê?	Atitude
H. Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	9 – Tem mais alguma coisa a acrescentar sobre a temática desta conversa? (agradecer e valorizar a colaboração para o bom êxito da investigação)	Esgotar a obtenção de informação. Agradecimentos

APÊNDICE 2 b)

Protocolo da entrevista a DEE1

Entrevista ao Docente de Educação Especial -DEE 1

E - Conforme sabe, esta entrevista faz parte do estudo sobre a inclusão de crianças com multideficiência na escola regular, no âmbito do mestrado em educação especial que ando a fazer..

Agradeço a sua colaboração. Ela é muito importante pois permitirá a recolha de informação importante. Quero que se sinta confortável e à-vontade. Os dados recolhidos serão confidenciais e, tanto a escola como os intervenientes no estudo, não serão identificados.

E- Vamos então começar...Permite que grave a entrevista?

DEE1- : Sim, com certeza.

E- O que entende por inclusão?

DEE1- Para mim, inclusão é proporcionar a participação de todas as crianças em contextos escolares, independentemente das suas especificidades, independentemente de terem alguma perturbação ou limitação física e motora, de pertencerem a uma determinada religião e/ou cultura.

E- Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com NEE na escola regular?

DEE1- Penso que é de extrema importância e concordo. Aliás, jamais poderemos regredir no que foi a conquista internacionalmente do reconhecimento da escola para todos. É desde o ensino pré-escolar que todos devem tomar conhecimento de todas as realidades existentes em seu redor. As crianças farão o futuro, logo a estigmatização das crianças com NEE só deixará de fazer sentido, daqui a alguns anos. Isto porque a sociedade ainda vê um estigma nas crianças com NEE. Que melhor caminho para os integrar na sociedade, que não seja partindo da escola?

E-Acha que mesmo os alunos com problemas mais severos devem estar na escola regular? E Porquê?

DEE1- Pois, aqui bate o “ponto”. A inclusão passa por uma mudança de mentalidades e políticas educativas, abrangendo a comunidade educativa e as instituições que a rodeiam. Neste sentido, é indispensável serem criadas todas as condições materiais e humanas e de formação de pessoal docente e não docente, para que haja, na realidade, inclusão. Parece-me, muito sinceramente, que assistimos algumas vezes, ao contexto de inclusão a depender das “boas vontades e sensibilidades para”. Não fugindo à questão,

os casos mais severos sim, se forem criadas na realidade todas as condições, pelas câmaras, pelos serviços de saúde e outras instituições. Se assim não acontecer, penso que poderá ser um processo mais negativo, do que positivo para a criança/jovem com NEE. Isto porque, não nos esqueçamos, muitos problemas motores severos podem não afetar em grande escala a parte cognitiva, pelo que as crianças/jovens percebem muito bem o que as rodeia e os ambientes criados.

E – Muito bem...Já fez formação na área das necessidades educativas especiais?

DEE1- Sim, já fiz.

E – Em que área e tipo de formação?

DEE1- Fiz formação de base em professora do Ensino Básico e, mais tarde, fiz um complemento de formação (equivalência a licenciatura) em Educação Especial, domínio cognitivo e motor. Além desta formação formal, tento sempre fazer alguma formação contínua acreditada e não acreditada. Através das TIC, também podemos fazer autoformação através de pesquisa. Também se aprende muito, lendo livros sobre as diversas temáticas relacionadas com este tema.

E – A formação adquirida é-lhe útil e suficiente no trabalho com alunos NEE?

DEE1- A formação que adquiri no complemento foi imprescindível para a minha prática diária. No entanto, como a ciência e os estudos estão sempre a aumentar, necessitamos sempre de nos atualizarmos. Muitas vezes, a formação torna-se onerosa, pois além da formação em si, há a deslocação.

E – Como procura informação para melhor responder aos problemas didáticos do dia-a-dia?

DEE1- Como já referi, tento ler e fazer formação contínua acreditada e não acreditada. No dia-a-dia, quando surgem dúvidas, acerca de casos específicos, tento esclarecê-las com os demais técnicos envolvidos (terapeutas) e indo às consultas da especialidade, acompanhando os alunos.

E – Sente dificuldades em trabalhar com alunos com NEE?

DEE1- Não, porque gosto muito. Mas tenho de admitir que, por vezes, tenho momentos de frustração e desalento. Às vezes, gostaríamos de dar a volta de outra maneira, mas não temos condições e vemos alguma relutância nas mentalidades.

E – Certo, de que tipo são essas dificuldades?

DEE1- Sinto dificuldades quando não tenho todas as condições logísticas ou quando estas tardam. Em relação aos materiais e a sua escassez, esta é uma área em que os

materiais, dada a especificidade, têm de ser organizados em função do aluno e da problemática.

As dificuldades que mais me desalentam são as que se relacionam com as mentalidades face à inclusão.

E – Pois, parece-lhe que o grau de dificuldade difere com a problemática?

DEE1- Sim, sem dúvida. Quanto mais dificuldade em termos de autonomia e mobilidade mais desafiante e mais meios envolve. Também implica uma formação de base na área das NEE inexistente por parte dos professores do ensino regular, o que constitui um entrave à inclusão dos casos mais severos.

E– Consegue identificar as razões para as dificuldades?

DEE1- Como já referi, o facto de haver pouca formação de base nesta área nos cursos iniciais dos docentes constitui logo um entrave.

E – Vamos agora falar dos alunos...O que acha sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com MD?

DEE1- Num primeiro contacto, ficam expectantes, e talvez apreensivos. Quando começam a interagir, aceitam-nos e incluem-nos. Esta situação também depende muito de como todo este processo é conduzido pelos professores, uma vez que ensinamos pelo modelo e não pelas palavras que possamos dizer sobre a inclusão, por muito bonitas que sejam.

E – No seu entender o que sentem os alunos MD em relação à forma como são tratados pelos seus colegas sem NEE?

DEE1- Se se sentirem realmente incluídos e a participarem como os demais nas atividades desenvolvidas na escola, sentem-se felizes, pois a socialização é o principal objetivo desta inclusão. Os conteúdos académicos vêm depois.

E- .Acha que há diferenças de tratamento entre alunos sem NEE e destes para com os alunos MD?

DEE1- Pela minha experiência e pelo que assisto, normalmente, e quando estão incluídos os alunos com MD, os seus pares têm um tratamento de proteção para com eles, zelando pelo seu bem-estar.

E- Verificam-se atitudes de partilha e colaboração entre os dois tipos de alunos na sala de aula?

DEE1- Sim, se realmente houver aceitação pela diferença, primeiro na turma e, em segundo lugar, na escola.

E –Quais?

DEE1- Ajudam os meninos com MD nas rotinas do dia-a-dia, como sejam a alimentação e higiene (há meninos muito preocupados em limpar a baba, por exemplo). Ajudam também na execução de trabalhos de expressão plástica, fazendo pelos colegas aquilo que eles têm limitação em fazer.

E – E no recreio?

DEE1- No recreio, aos meninos que se deslocam em cadeira de rodas, os pares “lutam” entre si para conduzirem a cadeira.

E– O que acha ser necessário – para além de formação específica – para melhorar a inclusão dos alunos com MD... Por parte dos docentes...

DEE 1 - É necessário assegurar as condições logísticas, o acompanhamento técnico, a articulação com os demais envolvidos no programa educativo do aluno. São muito importantes as reuniões multidisciplinares e a cooperação, incluindo a participação dos pais e encarregados de educação. Às vezes, os professores do regular, inadvertidamente, preocupam-se em demasia pelo fator das aprendizagens, descurando a parte social da educação. Nestes alunos com MD, é esta a face da educação mais importante.

Também se sentem frustrados perante a incapacidade de poder dar resposta, quando as turmas são extensas (15 alunos de redução de turma, seria mais aceitável). Muitos até gostavam de poder dar mais acompanhamento/atenção aos meninos com MD, mas sentem-se impotentes perante a diferenciação que todos na turma exigem.

E – E por parte dos colegas deles?

DEE1- Penso que é sempre mais fácil a inclusão destes alunos por parte dos seus pares. Não os vejo como um obstáculo. No entanto, penso que quanto mais cedo tomarem partido da inclusão, ainda em fase do pré-escolar, mais benéfico é para todos.

E – O que pensa sobre a atitude dos professores titulares de turma ao receberem alunos com MD na sua turma?

PEE1- Penso que, inicialmente, têm uma sensação de apreensão.

E – Concorda com esse tipo de atitude? Porquê?

DEE1- Eu, apesar de não concordar, compreendo e penso que quando queremos fazer um trabalho minimamente válido nos preocupamos e ficamos apreensivos. É muito mais benéfico do que a indiferença pelos alunos com MD.

E – Que fatores contribuem para esse comportamento?

DEE1- A falta de formação específica, o número elevado de alunos por turma, onde, normalmente estão incluídos outros alunos que têm necessidade de diferenciação pedagógica, a falta de articulação e de linhas orientadoras por parte dos técnicos, nas tais reuniões já referidas. Há Também o fator sensibilidade. Aí, devemos colocar-nos no lugar de um pai de um aluno com estas problemáticas e pensarmos o que gostaríamos para o nosso filho.

Os professores de educação especial deviam ter mais horas para cada caso destes mais acentuado.

E – Tem mais alguma coisa a acrescentar sobre a temática desta conversa?

DEE1- Sinto-me preocupada com o futuro da educação, e em particular, com o da educação especial. Avizinham-se tempos difíceis e receio que haja um retrocesso. Algo foi mal conduzido, até pela parte que nos toca a nós, professores de educação especial. Julgo que a educação especial é uma área muito “sui generis”. Podemos ter muitas condições logísticas e fazer muita formação, mas se não amarmos e sentirmos aquilo que fazemos: nada feito.

E- Agradeço a sua disponibilidade e colaboração Obrigado

APÊNDICE 2 c)

Grelha de Análise da Entrevista a DEE1

Grelha de Análise de Conteúdo

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Sentido
		DEE1
A – Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	
B – Opinião sobre inclusão		<i>inclusão é proporcionar a participação de todas as crianças em contextos escolares”</i> <i>“ independentemente das suas especificidades”;</i> <i>“ independentemente de terem alguma perturbação ou limitação física e motora”;</i> <i>“de pertencerem a uma determinada religião e/ou cultura”;</i> <i>“extrema importância e concordo”;</i> <i>“desde o ensino pré-escolar que todos devem tomar conhecimento de todas as realidades existentes em seu redor”;</i> <i>“ a sociedade ainda vê um estigma nas crianças com NEE”;</i> <i>“melhor caminho para os integrar na sociedade”</i> <i>“inclusão passa por uma mudança de mentalidades”;</i> <i>(inclusão passa por mudança) de políticas educativas”;</i> <i>“ indispensável serem criadas todas as condições materiais e humanas” “formação de pessoal docente e não docente”;</i> <i>os casos mais severos sim, se forem criadas na realidade todas as condições”;</i> <i>“a socialização é o principal objetivo desta inclusão os conteúdos académicos vêm depois”</i>
C – Grau de preparação para lidar com NEE	Formação em necessidades educativas especiais	<i>“complemento de formação (equivalência a licenciatura) em Educação Especial, domínio cognitivo e motor”</i> <i>“formação contínua acreditada e não acreditada”</i> <i>“autoformação através de pesquisa”</i> <i>“lendo livros sobre as diversas temáticas”</i> <i>“formação torna-se onerosa”</i>
	Áreas fortes e fracas	<i>“ler e fazer formação contínua acreditada e não acreditada”;</i>

	de preparação pessoal	<i>“esclarecê-las(as dúvidas) com os demais técnicos envolvidos; (acompanhamento de alunos) ”consultas da especialidade”;</i>
D – Dificuldades sentidas na lidação com NEE	Dificuldades sentidas no trabalho com alunos com NEE	<i>“momentos de frustração e desalento”;</i> <i>“não temos condições”;</i> <i>“relutância nas mentalidades”;</i> <i>“quando não tenho todas as condições logísticas”;</i> <i>“ materiais e a sua escassez”;</i> <i>(organizar os materiais) “em função do aluno e da problemática”</i> <i>“dificuldades que mais me desalentam são... mentalidades face à inclusão”</i>
	Razão para as dificuldades sentidas	<i>“mais dificuldade em termos de autonomia e mobilidade mais desafiante e mais meios”</i> <i>“facto de haver pouca formação de base nesta área nos cursos iniciais dos docentes”</i>
E – Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD	Opinião dos docentes sobre a relação social	<i>“expectantes”;</i> <i>“apreensivos”;</i> <i>“começam a interagir, aceitam-nos e incluem-nos”;</i> <i>“depende muito de como todo este processo é conduzido pelos professores”;</i> <i>Se se sentirem realmente inclusos..., sentem-se felizes”;</i> <i>“os seus pares têm um tratamento de proteção para com eles”;</i> <i>“ zelando pelo seu bem-estar”.</i>
	Atividades/momentos de interação/partilha	<i>“Ajudam os meninos com MD nas rotinas do dia-a-dia... alimentação e higiene”;</i> <i>“(ajudam) execução de trabalhos de expressão plástica”;</i> <i>“lutam” entre si para conduzirem a cadeira”;</i>
F – Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD		<i>“assegurar as condições logísticas”;</i> <i>“acompanhamento técnico”;</i> <i>“articulação com os demais envolvidos no programa educativo do aluno”;</i> <i>“reuniões multidisciplinares”;</i> <i>“cooperação”;</i> <i>“participação dos pais e encarregados de educação”.</i>

		<i>“(a parte social da educação). Nestes alunos com MD, é esta a face da educação mais importante”</i> <i>“incapacidade de poder dar resposta, quando as turmas são extensas”</i> <i>“(os pares) quanto mais cedo tomarem partido da inclusão, ainda em fase do pré-escolar, mais benéfico é para todos”.</i>
G – Opinião sobre a atitude dos professores titulares de turma ao receberem alunos com MD na sua turma		<i>“sentem-se impotentes perante a diferenciação que todos na turma exigem”</i> <i>“sensação de apreensão”;</i> <i>“quando queremos fazer um trabalho minimamente válido nos preocupamos e ficamos apreensivos”</i> <i>“falta de formação específica”;</i> <i>“o número elevado de alunos por turma”;</i> <i>“normalmente estão incluídos outros alunos que têm necessidade de diferenciação pedagógica”;</i> <i>“falta de articulação(com os técnicos)”;</i> <i>“(falta de)linhas orientadoras por parte dos técnicos”;</i> <i>“sensibilidade” (falta de);</i> .
H – Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	<i>“professores de educação especial deviam ter mais horas para cada caso destes mais acentuado”;</i> <i>“preocupada com o futuro da educação, e em particular, com o da educação especial”;</i> <i>“ Algo foi mal conduzido, até pela parte que nos toca a nós, professores de educação especial”;</i> <i>“ se não amarmos e sentirmos aquilo que fazemos: nada feito ”</i>

APÊNDICE 2 d)

Protocolo da entrevista a DEE2

Entrevista ao Docente de Educação Especial – DEE2

E- Como havia referido no nosso primeiro contacto, estou a fazer um trabalho sobre a inclusão de crianças com multideficiência na escola regular. A sua colaboração é muito importante pois permitirá a recolha de informações imprescindíveis. Quero que se sinta confortável e à-vontade. Todos os dados serão confidenciais e não farei referência a nomes de pessoas ou instituições.

E- Permite que grave a entrevista?

DEE2- Sim

E- Então, vamos lá...O que entende por inclusão?

DEE2- Inclusão é um termo muito vasto que resumidamente se pode dizer que é a integração de alunos portadores de deficiência nas escolas de ensino regular.

E- Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com NEE na escola regular?

DEE2- Concordo.

E- Acha que mesmo os alunos com problemas mais severos devem estar na escola regular? Porquê?

DEE2- Sim, mesmo os alunos com problemas mais severos devem frequentar a escola regular porque a educação é para todos, todos devem ter as mesmas igualdades de oportunidades. Hoje as escolas já oferecem salas estruturadas onde estas crianças podem passar uma parte do dia e continuar a manter os contatos com os colegas de turma e escola a que pertencem. E, a socialização nestas crianças é muito importante.

E- Já fez formação na área das necessidades educativas especiais?

DEE2- Sim.

E- Em que área e que tipo de formação?

DEE2- Fiz especialização em educação especial – domínio cognitivo e motor. E neste momento estou a desenvolver a tese de mestrado, também na área de educação especial – domínio cognitivo e motor.

E – A formação adquirida é-lhe útil e suficiente no trabalho com alunos NEE?

DEE2- A formação adquirida é-me útil, mas nunca é suficiente no trabalho com estes alunos.

E – Como procura informação para melhor responder aos problemas didáticos do dia a dia?

DEE2- Normalmente...Investigando, quer em livros, quer na net... e trocando conhecimentos com colegas.

E – Sente dificuldades em trabalhar com alunos com NEE?

DEE2- A minha experiência profissional já me permite torneir as situações mais difíceis com que me deparo no dia-a-dia, no entanto, sinto que é um trabalho difícil e por vezes sinto dificuldades.

E –De que tipo?

DEE2- Dificuldades, muitas vezes, com a falta de tempo que tenho para trabalhar com os meus alunos, para lhes poder proporcionar estratégias pedagógicas adequadas e a utilização de diversos recursos que eles tanto necessitam satisfazendo as suas necessidades especiais.

E –Acha que o grau de dificuldade difere com a problemática?

DEE2- Sim.

E – Quais as razões de tais dificuldades?

DEE2- Para a falta de tempo que existe para trabalhar com estas crianças, no meu caso específico, as razões são sobretudo a falta de recursos humanos. O excessivo número de alunos que um professor de educação especial tem, não permite um ensino/aprendizagem adequado para responder a todas as necessidades que um aluno com NEE precisa.

E – O que acha sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com MD?

DEE2- Os alunos sem NEE já estão bastante despertos, atentos e preocupados com os seus pares com MD. Conseguem manter uma relação positiva, não rejeitando nem excluindo. São solidários, compreendem a diferença e têm um espírito de ajuda construindo uma relação para o sucesso.

E – No seu entender o que sentem os alunos MD em relação à forma como são tratados pelos seus colegas sem NEE?

DEE2- Os alunos com MD já sentem alguma tranquilidade na forma como são tratados e muitos deles sentem-se felizes.

E- Acha que há diferenças de tratamento entre alunos sem NEE e destes para com os alunos MD?

DEE2- Sim, diferenças na maneira de ajudar, de ensinar e até de brincar.

E- Verificam-se atitudes de partilha e colaboração entre os dois tipos de alunos na sala de aula?

DEE2- Sim.

E – Quais?

DEE2- Na sala de aula os alunos sem NEE. gostam muito de ajudar e colaborar nas atividades/ aprendizagens, pois sentem-se úteis e cheios de conhecimentos.

E – E no recreio?

DEE2- No recreio é sobretudo na forma de brincar que muitas vezes tem de ser adaptada, na forma de locomoção que tem de haver mais apoio e colaboração, e no ajudar em pequenas coisas como por exemplo levar um papel do lanche ao lixo.

E – O que acha ser necessário – para além de formação específica – para melhorar a inclusão dos alunos com MD:

E – Por parte dos docentes?

DEE2- Devem continuar a trabalhar a diferença nas suas salas, no sentido de contribuírem para que os alunos sem NEE. aceitem cada vez mais os alunos com MD e os recebam com naturalidade, incluindo-os no seu grupo de amigos. Devem proporcionar aprendizagens juntos, independentemente das diferenças e dificuldades individuais. Devem criar e implementar competências adaptadas. Devem ser ativos na escola, organizando-a e adaptando-a de forma a responder às necessidades de todos os alunos. Devem desenvolver processos de cooperação e colaboração com a comunidade em que a escola se insere e, sobretudo devem implementar estratégias pedagógicas diversificadas que impliquem atividades funcionais e significativas para estes alunos.

E – Por parte dos colegas (pares)?

DEE2- Nunca se esquecerem que são seres humanos iguais com algumas limitações que são superáveis com pequenas ajudas.

E – O que pensa sobre a atitude dos professores titulares de turma ao receberem alunos com MD na sua turma?

DEE2- Muitas vezes revelam insatisfação e atitudes negativas.

E – Que fatores contribuem para esse comportamento?

DEE2- Têm esses comportamentos porque não acreditam nas capacidades dos alunos e nas possibilidades educativas.

E – Concorda com esse tipo de atitude? Porquê?

DEE2- Não, porque o resultado da boa inclusão é resultado do esforço de toda a comunidade educativa, sobretudo dos professores titulares de turma. Estes têm de considerar a diferença como um desafio nas suas práticas pedagógicas e uma oportunidade de enriquecê-las. E, com a colaboração do professor de educação especial, o professor titular de turma poderá dar uma resposta adequada aos alunos com MD.

Cada criança é única e por isso a atitude do professor titular de turma deve também revestir-se de individualidade.

E – Tem mais alguma coisa a acrescentar sobre a temática desta conversa?

DEE2- Digo simplesmente que é um tema pertinente e merece sempre ser discutido.

Agradeço a sua disponibilidade e colaboração. Obrigado

APÊNDICE 2 e)

Grelha de Análise da Entrevista a DEE2

Grelha de Análise de Conteúdo

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Sentido
		DEE2
A – Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	
B – Opinião sobre inclusão		<i>“integração de alunos portadores de deficiência nas escolas de ensino regular”;</i> <i>“ educação é para todos”, “todos devem ter as mesmas igualdades de oportunidades”;</i> <i>“as escolas já oferecem salas estruturadas onde estas crianças podem passar uma parte do dia”</i> <i>“continuar a manter os contatos com os colegas de turma e escola a que pertencem”;</i> <i>“socialização nestas crianças é muito importante”</i> <i>“ boa inclusão é resultado do esforço de toda a comunidade educativa, sobretudo dos professores titulares de turma”;</i>
C – Grau de preparação para lidar com NEE	Formação em necessidades educativas especiais	<i>“especialização em educação especial – domínio cognitivo e motor”</i> <i>“útil, mas nunca é suficiente”</i>
	Áreas fortes e fracas de preparação pessoal	<i>“Investigando, quer em livros, quer na net”;</i> <i>“trocando conhecimentos com colegas”;</i>
D – Dificuldades sentidas na lidação com NEE	Dificuldades sentidas no trabalho com alunos com NEE	<i>“experiência profissional ... permite tornear as situações mais difíceis”;</i> <i>“falta de tempo”;</i> <i>“estratégias pedagógicas adequadas”;</i> <i>“utilização de diversos recursos”;</i>
	Razão para as dificuldades sentidas	<i>“falta de recursos humanos”;</i> <i>“excessivo número de alunos que um professor de educação especial tem”;</i>
E – Relação social entre alunos sem	Opinião dos docentes sobre a relação social	<i>“bastante despertos, atentos e preocupados com os seus pares com MD”;</i> <i>“relação positiva”;</i> <i>“não rejeitando nem excluindo”;</i> <i>“São solidários”;</i> <i>“compreendem a</i> LVI

NEE e os seus pares com MD		<i>diferença e têm um espírito de ajuda”;</i> <i>“alunos com MD já sentem alguma tranquilidade”;</i> <i>“ muitos deles sentem-se felizes”;</i> <i>“diferenças na maneira de ajudar, de ensinar e até de brincar”;</i>
	Atividades/momentos de interação/partilha	<i>“alunos sem nee gostam muito de ajudar e colaborar nas atividades/ aprendizagens”;</i> <i>“ forma de brincar que muitas vezes tem de ser adaptada”;</i> <i>“ forma de locomoção que tem de haver mais apoio e colaboração”;</i> <i>“ajudar em pequenas coisas”</i>
F – Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD		<i>“a trabalhar a diferença nas suas salas”;</i> <i>“proporcionar aprendizagens juntos”;</i> <i>“criar e implementar competências adaptadas”;</i> <i>“ ativos na escola, organizando-a e adaptando-a de forma a responder às necessidades de todos os alunos”;</i> <i>“Devem desenvolver processos de cooperação e colaboração com a comunidade”;</i> <i>“implementar estratégias pedagógicas diversificadas que impliquem atividades funcionais e significativas para estes alunos”</i> <i>“seres humanos iguais com algumas limitações ...superáveis com pequenas ajudas”;</i> <i>“atitude do professor titular de turma deve também revestir-se de individualidade”</i> <i>.</i>
G – Opinião sobre a atitude dos professores titulares de turma ao receberem alunos com MD na sua turma		<i>“insatisfação e atitudes negativas”;</i> <i>“ não acreditam nas capacidades dos alunos”;</i> <i>“ (não acreditam) nas possibilidades educativas”;</i> <i>“considerar a diferença um desafio nas suas práticas pedagógicas é uma oportunidade de enriquece-las”;</i>

H – Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	<i>“tema pertinente e merece sempre ser discutido”</i>
-----------------	--	--

APÊNDICE 2 f)

Protocolo da Entrevista a DEE3

Entrevista ao Docente de Educação Especial – DEE3

E- Desde já agradeço a sua colaboração na realização desta entrevista. Conforme já sabe, esta entrevista insere-se num estudo sobre a inclusão de crianças com multideficiência na escola regular, no âmbito do mestrado em educação especial.

Gostaria que se sinta confortável e à vontade. Os dados recolhidos são confidenciais e, tanto a escola como os intervenientes no estudo, não serão identificados.

Permite que grave a entrevista?

DEE3- OK.

E- O que entende por inclusão?

DEE3- A inclusão é o respeito por todas as crianças na medida em permite que todas elas façam parte de um contexto comum, que aprendam de acordo com as suas capacidades, características e necessidades.

E- Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com NEE na escola regular?

DEE3- Na minha opinião a inclusão ainda se encontra aquém do desejável.

E- Acha que mesmo os alunos com problemas mais severos devem estar na escola regular? Porquê?

DEE3- Dependendo do grau de severidade, considero que algumas crianças pouco ou nada beneficiam da inclusão numa escola regular porque aumenta a diferença e também porque a escola regular não tem à disposição todos os mecanismos necessários a essas crianças que necessitam de condições e recursos muito específicos.

E- Já fez formação na área das necessidades educativas especiais?

DEE3- Sim, já.

E Em que área e tipo de formação?

DEE3- Fiz algumas formações creditadas em diversas temáticas na área da educação especial mas a que considero fundamental é a especialização em multideficiência.

E – A formação adquirida é-lhe útil e suficiente no trabalho com alunos NEE?

DEE3- A formação adquirida é muito útil mas considero que podemos e devemos aprender sempre mais pois, na Educação Especial as especificidades são muitas.

E- Como procura informação para melhor responder aos problemas didáticos do dia a dia?

DEE3- Através de pesquisa, procura de formações na área e ainda de partilha com colegas.

E – Sente dificuldades em trabalhar com alunos com NEE?

DEE3- Sim, algumas.

E – De que tipo?

DEE3- Dificuldades relacionadas com a gestão do horário na medida em que gostaria de prestar um trabalho mais efetivo, proporcionando mais tempo de apoio direto às

crianças cujo perfil de funcionalidade é mais exigente; dificuldades relacionadas com a articulação com docentes titulares de turma que delegam na educação especial toda a responsabilidade e acompanhamento da criança nee.

E – O grau de dificuldade difere com a problemática?

DEE3- Sim, por vezes.

E – Quais as razões de tais dificuldades?

DEE3- Julgo que se encontram relacionadas com a dificuldade em gerir as diferentes características dos alunos; com a ideia de cumprimento de conteúdos programáticos dos alunos com currículos comuns e alguma demissão do papel de docente das crianças nee, delegando-as à educação especial.

E – O que acha sobre a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com MD?

DEE3- Do que tenho assistido, a relação dos alunos sem NEE para com os seus pares com MD é na maioria bastante positiva. Alguns dos seus pares demonstram disponibilidade, entreaajuda e companheirismo.

E – No seu entender o que sentem os alunos MD em relação à forma como são tratados pelos seus colegas sem NEE?

DEE3- Sentem na maior parte das vezes, apoio e compreensão.

E- Acha que há diferenças de tratamento entre alunos sem NEE e destes para com os alunos MD?

DEE3- Sim, há diferenças. Todas as crianças são diferentes na sua personalidade, na maneira de ser e agir, nas suas características. Todos esses fatores fazem com que o tratamento e relacionamento sejam diferentes.

E- Verificam-se atitudes de partilha e colaboração entre os dois tipos de alunos na sala de aula?

DEE3- Sim.

E – Quais?

DEE3- Partilha de experiências, de sentimentos e de materiais. Colaboração nas diferentes atividades sugeridas pela comunidade escolar e também nas atividades de vida diária que cada uma das partes necessita.

E – E no recreio?

DEE3- No recreio também. Julgo que as atitudes de partilha e colaboração estão implícitas em todos os momentos.

E– O que acha ser necessário – para além de formação específica – para melhorar a inclusão dos alunos com MD:

– Por parte dos docentes?

DEE3- É preciso disponibilidade; é preciso considerar/perceber que o aluno com MD é seu aluno e que deve inclui-lo na sua prática pedagógica e ainda acreditar que é capaz de gerir as diferentes especificidades da sua turma, adotando práticas inclusivas para todos os seus alunos.

E – Por parte dos colegas (pares)?

DEE3- Parece-me que neste ponto é preciso ajudar os seus pares a entender que a criança com MD é diferente (somos todos diferentes) mas que deve ser tratado por

igual, ou seja é necessário que tenham em conta que são crianças com capacidades e que melhorem as expectativas em relação a elas.

E – O que pensa sobre a atitude dos professores titulares de turma ao receberem alunos com MD na sua turma?

DEE3- A atitude é por vezes negativa. Têm receio em receber uma criança com MD e dificuldade em implementar a sua inclusão.

E – Que fatores contribuem para esse comportamento?

DEE3- Não sei.

E – Concorda com esse tipo de atitude? Porquê?

DEE3- Não concordo...porque considero uma atitude que contraria o sentido da escola, sendo um desrespeito pela criança com MD. O papel do professor é tão poderoso na vida e no percurso de todas as crianças que funciona como modelo, como orientador. Deverá ser uma pessoa com atitudes exemplares e humildes e que seja exemplo na transmissão de valores e não apenas conhecimentos científicos.

E – Tem mais alguma coisa a acrescentar sobre a temática desta conversa?

DEE3- Não tenho nada a acrescentar.

E- Obrigada pela sua disponibilidade e colaboração.

APÊNDICE 2 g)

Grelha de Análise da Entrevista a DEE3

Grelha de Análise de Conteúdo

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Sentido
		DEE3
A – Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	
B – Opinião sobre inclusão		<i>“respeito por todas as crianças”;</i> <i>“permite que todas elas façam parte de um contexto comum”;</i> <i>“aprendam de acordo com as suas capacidades, características e necessidades”;</i> <i>“inclusão ainda se encontra aquém do desejável”;</i> <i>“algumas crianças pouco ou nada beneficiam da inclusão numa escola regular”;</i> <i>“aumenta a diferença”</i> <i>“a escola regular não tem à disposição todos os mecanismos necessários”;</i> <i>“necessitam de condições e recursos muito específicos”;</i>
C – Grau de preparação para lidar com NEE	Formação em necessidades educativas especiais	<i>“formações creditadas em diversas temáticas na área da educação especial”;</i> <i>“especialização em multideficiência”;</i> <i>“muito útil”;</i> <i>“podemos e devemos aprender sempre mais”;</i>
	Áreas fortes e fracas de preparação pessoal	<i>“pesquisa”;</i> <i>“procura de formações na área”;</i> <i>“partilha com colegas”</i>
D – Dificuldades sentidas na lidação com NEE	Dificuldades sentidas no trabalho com alunos com NEE	<i>“Dificuldades relacionadas com a gestão do horário”;</i> <i>“dificuldades relacionadas com a articulação com docentes titulares de turma”;</i> <i>“</i>
	Razão para as dificuldades sentidas	<i>“dificuldade em gerir as diferentes características dos alunos”;</i> <i>“ demissão do (professor titular de turma) do papel de docente das crianças nee”</i>

E – Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD	Opinião dos docentes sobre a relação social	<i>“bastante positiva”;</i> <i>“disponibilidade, entreaajuda e companheirismo”;</i> <i>“apoio e compreensão”;</i> <i>“as crianças são diferentes na sua personalidade, na maneira de ser e agir, nas suas características”</i>
	Atividades/momentos de interação/partilha	<i>“Partilha de experiências, de sentimentos e de materiais”;</i> <i>“Colaboração nas diferentes atividades sugeridas pela comunidade escolar”;</i> <i>(colaboração) “nas atividades de vida diária”;</i>
F – Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD		<i>“mais tempo de apoio direto às crianças cujo perfil de funcionalidade é mais exigente”;</i> <i>“disponibilidade”;</i> <i>“considerar/perceber que o aluno com MD é seu aluno e que deve inclui-lo na sua prática pedagógica”;</i> <i>“acreditar que é capaz de gerir as diferentes especificidades da sua turma”;</i> <i>“adotando práticas inclusivas”.</i> <i>“tenham em conta que (MD) são crianças com capacidades e que melhorem as expetativas em relação a elas.</i>
G – Opinião sobre a atitude dos professores titulares de turma ao receberem alunos com MD na sua turma		<i>“por vezes negativa”;</i> <i>“Têm receio”;</i> <i>“dificuldade em implementar a sua inclusão” (de alunos com MD);</i>

H – Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	<i>(professor titular de turma) “deverá ser uma pessoa com atitudes exemplares e humildes” “(o professor titular de turma) seja exemplo na transmissão de valores e não apenas conhecimentos científicos”.</i>
-----------------	--	--

APÊNDICE 3

Grelha de Análise de conteúdo das Entrevistas

APÊNDICE 3 a)

Grelha de Análise de conteúdo das Entrevistas a PT1, PT2, PT3 E PT4

Grelha de Análise de Conteúdo

Categorias	Sub-categorias	Unidades de sentido			
		PT1	PT2	PT3	PT4
A. Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista				
B. Opinião sobre inclusão		<i>“Inclusão é a integração dos alunos com NEE numa escola de ensino regular”</i> <i>“ que (a escola) lhes faculta todas as oportunidades”</i> <i>“adaptando os seus currículos aos seus problemas específicos”</i> <i>“respeitando todas as suas diferenças”;</i> <i>“todas as crianças têm os mesmos direitos independentemente das suas diferenças”;</i> <i>“...a escola deverá adequar as práticas pedagógicas de acordo com a diversidade dos seus alunos”</i>	<i>“É integrar os alunos com NEE na escola regular”;</i> <i>“benéfica”</i> <i>“positiva para eles (os alunos com NEE)”</i> <i>“(positiva) para os sem NEE”;</i> <i>“Existe convívio”;</i> <i>“conhecimento de outras realidades para ambos os alunos”;</i> <i>“alunos sem NEE têm que aprender a aceitar”(alunos sem nee têm de) conhecer e entender a diferença”.</i> <i>“as escolas não dão a resposta adequada”</i>	<i>“integração efetiva de alunos com NEE na turma”;</i> <i>“ Tem vantagens e desvantagens, dependendo da problemática de cada criança</i> <i>“(depende) dos recursos disponíveis”;</i> <i>“desde que não prejudiquem o aproveitamento escolar dos outros”;</i>	<i>“Inserção dos alunos Nee nas turmas das escolas do regular”;</i> <i>“sempre muito enriquecedora para todos”;</i> <i>“partilha de vivências entre os alunos com e sem NEE”;</i> <i>“pela criação de um espírito colaboração”;</i> <i>“(espírito) de interajuda entre todos”;</i> <i>“ver aquele que tem NEE, sem ser “o coitadinho”;</i> <i>“inclusão nem sempre acontece como se deseja, “(imperfeita inclusão) por dificuldades que nos transcendem”;</i> <i>“casos mais severos poderão estar na escola regular se houver a possibilidade de terem apoio direto e constante”</i>
C. Grau de	Formação em	“Não”	“Não”	“Complemento	“Nunca fiz formação”

preparação para lidar com NEE	necessidades educativas especiais			de formação na área das NEE - apoios educativos”	
	Áreas fortes e fracas de preparação pessoal	“recorro professora de educação especial”; “leio sobre o assunto em livros da especialidade”	“Pesquisa na internet” “ procuro bibliografia sobre informação pretendida”; “troca de informação entre colegas”	“faço pesquisa”; “diálogo com as colegas”	“converso com as colegas”; “ peço ajuda à professora de educação especial”
D. Dificuldades sentidas na lidação com NEE	Dificuldades sentidas no trabalho com alunos com NEE	“não sabem esperar pela sua vez”; “difícil estar constantemente disponível para eles”; “restantes alunos que também necessitam do nosso apoio”; “dificuldade em planificar determinadas matérias e materiais necessários”.	“não são académicas”; “flexibilizar o tempo”	“Não”	“gestão do tempo”; “apoio direto à minha aluna” “precisa de apoio constante”; “ não tem apoio na sala de aula...acho que lhe faz falta”; “precisa de ajuda para realizar todos os trabalhos”; “ Ao nível da programação e selecção de actividades”.
	Razão para as dificuldades sentidas	“turmas muito grandes” “falta de formação na área”	“turma heterogénea com elementos que requerem apoio individualizado” “falta de recursos humanos”;	-----	alunos com NEE com atitudes/barulhos que provocam a distração/riso dos seus pares; “formação inicial não me preparou adequadamente”;

			<i>“ falta de materiais pedagógicos adequados”;</i> <i>“falta de formação inicial”;</i> <i>“falta de formação contínua”</i>		<i>“ não fiz formação sobre o tema”.</i>
E. Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD	Opinião dos docentes sobre a relação social	<i>“alunos sem NEE tratam os seus pares com muito respeito”;</i> <i>“espírito de ajuda”</i> <i>(alunos com MD)</i> <i>“sentem-se muito bem”;</i> <i>“alegria nos seus rostos”;</i> <i>“gostam de partilhar assuntos”.</i>	<i>“relação é muito boa”;</i> <i>“espírito de entreajuda, aceitação, cooperação e solidariedade”;</i> <i>“Não existe rejeição”;</i> <i>“outros alunos estão sempre interessados em ajudar”;</i> <i>“felizes, acarinhados”;</i> <i>“respeitados”</i>	<i>“boa”;</i> <i>“reagem de forma natural”;</i> <i>“(reagem) sem preconceitos”.</i> <i>“alunos com NEE sentem que fazem parte do todo”</i>	<i>“ótima relação”;</i> <i>“ colegas sem NEE, nutrem por ela um carinho muito especial”;</i> <i>“tem direito a ser tratada de forma especial”;</i> <i>“há sempre a tendência de diferenciar o tratamento”;</i> <i>“alunos sem NEE tentam sempre protegê-la”;</i> <i>“Fazem-lhe mais as vontades”</i>
	Atividades/momentos de interação/partilha	<i>“tiram e colocam o material escolar na mochila da colega”;</i> <i>“empurram a cadeira”</i> <i>“sempre que a colega solicita ajuda no computador há sempre um aluno disponível para ajudar”;</i> <i>“brincam com ela”.</i>	<i>“ajudam na realização de alguns trabalhos”</i> <i>“colocação da mochila às costas”...</i> <i>“ajudam para vestir o casaco e ou despir”.</i> <i>“Ajudam a segurar o lanche”</i> <i>“chamam-na a participar nalguns jogos”</i>	<i>“colaboração no trabalho”;</i> <i>“ajuda em algumas tarefas”</i> <i>“jogos em conjunto”</i> <i>“chamam-na para as suas brincadeiras”</i>	<i>“tiram- lhe o estojo da mochila”;</i> <i>“retiram do seu interior os materiais que ela necessita”;</i> <i>“se algo lhe cai para o chão, há sempre alguém que o apanha”;</i> <i>“vão buscar-lhe o dossier e colocam as folhas de trabalho”,</i>

					<i>“colega da mesa partilha com ela a observação dos manuais”;</i> <i>“ retirar da mochila a merenda”;</i> <i>“ conduzir a cadeira de rodas”;</i> <i>“ às vezes dão uma ajudinha no desembrolhar da merenda”;</i> <i>“gostam de passeá-la pelo recreio”</i>
F. Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD		<i>“turmas reduzidas”</i> <i>“mais apoio especializado”</i> <i>“ distribuir algumas tarefas da sala de aula a estes alunos”</i>	<i>“Maior sensibilização para a diferença</i> <i>Fazer “sentir” aos colegas sem NEE as dificuldades que muitos colegas com NEE têm”;</i> <i>“Sentirem-se mais apoiados com pessoal não docente dentro da sala de aula”;</i> <i>“ também estes (pessoal não docente) tenham formação em necessidades educativas especiais”</i> <i>“mais materiais”</i>	<i>“tratar todos os alunos de igual forma atendendo à individualidade de cada um”;</i> <i>“partilhar mais experiências tanto na sala como no recreio”</i>	<i>“ mais tempo para eles”;</i> <i>“ substancial e real redução do número de alunos por turma”;</i> <i>“ importante contactarem com a deficiência desde muito novos”.</i>
G. Opinião acerca do trabalho do		<i>“apoio é muito valioso”;</i> <i>“imprescindível”;</i>	<i>“excelente trabalho”;</i> <i>“Além da parte</i>	<i>“Fazem tudo o que podem pelos</i>	<i>“imprescindível”;</i>

docente de educação especial		<i>“escasso”;</i> <i>“ensino especial deveria ter mais horas”;</i> <i>“apoio individualizado e não partilhado”.</i>	<i>pedagógica/curricular”;</i> <i>“fazem atividades que os preparam para a vida em sociedade”</i> <i>“docentes deram o seu melhor”</i>	<i>alunos”</i> <i>“na UAM fazem o trabalho que não é possível na sala do regular”</i> <i>“Há sempre hipótese de melhorar”</i>	
H. Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	-----	<i>“articulação entre os docentes titulares de turma e os docentes da Unidade de Apoio à MD é muito importante para que a Inclusão seja a mais perfeita possível”</i>	-----	

APÊNDICE 3 b)

Grelha de Análise de Conteúdo das Entrevistas a DEE1, DEE2 e DEE3

Grelha de Análise de Conteúdo

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Sentido		
		DEE1	DEE2	DEE3
A - Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista			
B - Opinião sobre inclusão		<i>inclusão é proporcionar a participação de todas as crianças em contextos escolares”</i> <i>“ independentemente das suas especificidades”;</i> <i>“ independentemente de terem alguma perturbação ou limitação física e motora”;</i> <i>“de pertencerem a uma determinada religião e/ou cultura”;</i> <i>“extrema importância e concordo”;</i> <i>“desde o ensino pré-escolar que todos devem tomar conhecimento de todas as realidades existentes em seu redor”;</i> <i>“ a sociedade ainda vê um estigma nas crianças com NEE”;</i> <i>“melhor caminho para os integrar na sociedade”</i> <i>“inclusão passa por uma mudança de mentalidades”;</i> <i>(inclusão passa por mudança) de políticas educativas”;</i> <i>“ indispensável serem criadas todas</i>	<i>“integração de alunos portadores de deficiência nas escolas de ensino regular”;</i> <i>“ educação é para todos”,</i> <i>“todos devem ter as mesmas igualdades de oportunidades”;</i> <i>“as escolas já oferecem salas estruturadas onde estas crianças podem passar uma parte do dia”</i> <i>“continuar a manter os contatos com os colegas de turma e escola a que pertencem”;</i> <i>“socialização nestas crianças é muito importante”</i> <i>“ boa inclusão é resultado do esforço de toda a comunidade educativa, sobretudo dos professores titulares de turma”;</i>	<i>“respeito por todas as crianças”;</i> <i>“ permite que todas elas façam parte de um contexto comum”;</i> <i>“ aprendam de acordo com as suas capacidades, características e necessidades”;</i> <i>“inclusão ainda se encontra aquém do desejável”;</i> <i>“ algumas crianças pouco ou nada beneficiam da inclusão numa escola regular”;</i> <i>“ aumenta a diferença”</i> <i>“ a escola regular não tem à disposição todos os mecanismos necessários”;</i> <i>“ necessitam de condições e recursos muito específicos”;</i>

		<i>as condições materiais e humanas” “formação de pessoal docente e não docente”; os casos mais severos sim, se forem criadas na realidade todas as condições”; “a socialização é o principal objetivo desta inclusão os conteúdos académicos vêm depois”</i>		
C - Grau de preparação para lidar com NEE	Formação em necessidades educativas especiais	<i>“complemento de formação (equivalência a licenciatura) em Educação Especial, domínio cognitivo e motor” “formação contínua acreditada e não acreditada” “autoformação através de pesquisa” “lendo livros sobre as diversas temáticas” “formação torna-se onerosa”</i>	<i>“especialização em educação especial – domínio cognitivo e motor” “útil, mas nunca é suficiente”</i>	<i>“formações creditadas em diversas temáticas na área da educação especial”; “especialização em multideficiência”; “muito útil”; “podemos e devemos aprender sempre mais”; “</i>
	Áreas fortes e fracas de preparação pessoal	<i>“ler e fazer formação contínua acreditada e não acreditada”; “esclarecê-las(as dúvidas) com os demais técnicos envolvidos; (acompanhamento de alunos) ”consultas da especialidade”;</i>	<i>“Investigando, quer em livros, quer na net”; “trocando conhecimentos com colegas”;</i>	<i>“pesquisa”; “procura de formações na área”; “partilha com colegas”</i>
D - Dificuldades	Dificuldades sentidas	<i>“momentos de frustração e</i>	<i>“experiência profissional ...</i>	<i>“Dificuldades</i>

sentidas na lidação com NEE	no trabalho com alunos com NEE	<i>desalento”; “não temos condições”; “relutância nas mentalidades”; “quando não tenho todas as condições logísticas”; “ materiais e a sua escassez”; (organizar os materiais) “em função do aluno e da problemática” “dificuldades que mais me desalentam são... mentalidades face à inclusão”</i>	<i>permite tornear as situações mais difíceis”; “falta de tempo”; “estratégias pedagógicas adequadas”; “utilização de diversos recursos”;</i>	<i>relacionadas com a gestão do horário”; “dificuldades relacionadas com a articulação com docentes titulares de turma”; “</i>
	Razão para as dificuldades sentidas	<i>“mais dificuldade em termos de autonomia e mobilidade mais desafiante e mais meios” “facto de haver pouca formação de base nesta área nos cursos iniciais dos docentes”</i>	<i>“falta de recursos humanos”; “excessivo número de alunos que um professor de educação especial tem”;</i>	<i>“dificuldade em gerir as diferentes características dos alunos”; “ demissão do (professor titular de turma) do papel de docente das crianças nee”</i>
E - Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD	Opinião dos docentes sobre a relação social	<i>“expectantes”; “apreensivos”; “começam a interagir, aceitam-nos e incluem-nos”; “depende muito de como todo este processo é conduzido pelos professores”; Se se sentirem realmente inclusos..., sentem-se felizes”; “os seus pares têm um tratamento de proteção para com eles”; “ zelando pelo seu bem-estar”.</i>	<i>“bastante despertos, atentos e preocupados com os seus pares com MD”; “relação positiva”; “não rejeitando nem excluindo”; “São solidários”; “compreendem a diferença e têm um espírito de ajuda”; “alunos com MD já sentem alguma tranquilidade”; “ muitos deles sentem-se</i>	<i>“bastante positiva”; “disponibilidade, entreaajuda e companheirismo”; “ apoio e compreensão”; “as crianças são diferentes na sua personalidade, na maneira de ser e agir, nas suas características”</i>

			<i>felizes”;</i> <i>“diferenças na maneira de ajudar, de ensinar e até de brincar”;</i>	
	Atividades/momentos de interação/partilha	<i>“Ajudam os meninos com MD nas rotinas do dia-a-dia... alimentação e higiene”;</i> <i>“(ajudam) execução de trabalhos de expressão plástica”;</i> <i>“lutam” entre si para conduzirem a cadeira”;</i>	<i>“alunos sem nee gostam muito de ajudar e colaborar nas atividades/ aprendizagens”;</i> <i>“forma de brincar que muitas vezes tem de ser adaptada”;</i> <i>“forma de locomoção que tem de haver mais apoio e colaboração”;</i> <i>“ajudar em pequenas coisas”</i>	<i>“Partilha de experiências, de sentimentos e de materiais”;</i> <i>“Colaboração nas diferentes atividades sugeridas pela comunidade escolar”;</i> <i>(colaboração) “nas atividades de vida diária”;</i>
F - Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD		<i>“assegurar as condições logísticas”;</i> <i>“acompanhamento técnico”;</i> <i>“articulação com os demais envolvidos no programa educativo do aluno”;</i> <i>“reuniões multidisciplinares”;</i> <i>“cooperação”;</i> <i>“participação dos pais e encarregados de educação”.</i> <i>“(a parte social da educação). Nestes alunos com MD, é esta a face da educação mais importante”</i>	<i>“a trabalhar a diferença nas suas salas”;</i> <i>“proporcionar aprendizagens juntos”;</i> <i>“criar e implementar competências adaptadas”;</i> <i>“ativos na escola, organizando-a e adaptando-a de forma a responder às necessidades de todos os alunos”;</i> <i>“Devem desenvolver processos de cooperação e</i>	<i>“mais tempo de apoio direto às crianças cujo perfil de funcionalidade é mais exigente”;</i> <i>“disponibilidade”;</i> <i>“considerar/perceber que o aluno com MD é seu aluno e que deve inclui-lo na sua prática pedagógica”;</i> <i>“acreditar que é capaz de gerir as diferentes especificidades da sua</i>

		<i>“incapacidade de poder dar resposta, quando as turmas são extensas”</i> <i>“(os pares) quanto mais cedo tomarem partido da inclusão, ainda em fase do pré-escolar, mais benéfico é para todos”.</i>	<i>colaboração com a comunidade”;</i> <i>“implementar estratégias pedagógicas diversificadas que impliquem atividades funcionais e significativas para estes alunos”</i> <i>“seres humanos iguais com algumas limitações ...superáveis com pequenas ajudas”;</i> <i>“atitude do professor titular de turma deve também revestir-se de individualidade”</i> .	<i>turma”;</i> <i>“adotando práticas inclusivas”.</i> <i>“tenham em conta que (MD) são crianças com capacidades e que melhorem as expetativas em relação a elas.</i>
G - Opinião sobre a atitude dos professores titulares de turma ao receberem alunos com MD na sua turma		<i>“sentem-se impotentes perante a diferenciação que todos na turma exigem”</i> <i>“sensação de apreensão”;</i> <i>“quando queremos fazer um trabalho minimamente válido nos preocupamos e ficamos apreensivos”</i> <i>“falta de formação específica”;</i> <i>“o número elevado de alunos por turma”;</i> <i>“normalmente estão incluídos outros alunos que têm necessidade de diferenciação pedagógica”;</i>	<i>“insatisfação e atitudes negativas”;</i> <i>“ não acreditam nas capacidades dos alunos”;</i> <i>“ (não acreditam) nas possibilidades educativas”;</i> <i>“considerar a diferença um desafio nas suas práticas pedagógicas é uma oportunidade de enriquece-las”;</i>	<i>“por vezes negativa”;</i> <i>“ Têm receio”;</i> <i>“ dificuldade em implementar a sua inclusão” (de alunos com MD);</i>

		<i>“falta de articulação(com os técnicos)”;</i> <i>“(falta de)linhas orientadoras por parte dos técnicos”;</i> <i>“sensibilidade” (falta de);</i> .		
H - Finalização	Esgotar a recolha de informação Agradecer a disponibilidade e colaboração	<i>“professores de educação especial deviam ter mais horas para cada caso destes mais acentuado”;</i> <i>“preocupada com o futuro da educação, e em particular, com o da educação especial”;</i> <i>“ Algo foi mal conduzido, até pela parte que nos toca a nós, professores de educação especial”;</i> <i>“ se não amarmos e sentirmos aquilo que fazemos: nada feito”</i>	<i>“tema pertinente e merece sempre ser discutido”</i>	(professor titular de turma) <i>“deverá ser uma pessoa com atitudes exemplares e humildes” ~”(o professor titular de turma) seja exemplo na transmissão de valores e não apenas conhecimentos científicos”.</i>

APÊNDICE IV

Quadro síntese dos dados recolhidos por categorias de análise – Professores
Titulares de Turma

Quadro síntese dos dados recolhidos por categorias de análise

CATEGORIAS	DESCRIPTORES	FREQUÊNCIA
B - Opinião sobre inclusão	Integração de alunos nee na turma	4
	Escola deve dar oportunidades	1
	A escola deve adaptar os currículos às necessidades dos alunos	1
	Igualdade de direitos	1
	Adequar práticas pedagógicas de acordo com a especificidade dos alunos	1
	Enriquecedora para todos (com e sem nee)	2
		1
	Escolas não respondem adequadamente	2
	Opinião favorável dependente dos recursos humanos	1
	Opinião favorável dependente da interferência do aluno no normal	
	desenrolar das atividades na sala de aula	1
	Dificuldades na Inclusão transcendem capacidades/ possibilidades do professor	4
	Pressupõe o desenvolvimento de valores	
		Total: 19
C- Grau de preparação para lidar com NEE	Nunca fez formação na área das NEE	3
	Complemento de formação na área das nee	1
		Total:4
	Pesquisa na internet	2
	Procura bibliografia sobre informação pretendida	2
	Troca de informação entre colegas	3
	Recorre ao professor de Educação Especial	2
		Total: 9
D – Dificuldades sentidas na lidação com alunos com NEE	Dificuldade em esperar pela sua vez	1
	Falta de disponibilidade (sua)	3
	Necessidades dos outros alunos	1
	Dificuldades na planificação	2
	Dificuldades na preparação de materiais	2
	Não sente falta de conhecimentos	1
	Não sente dificuldades	1
	Grande dependência da aluna para a realização de trabalhos	1
	Falta de apoio na sala	1
		Total: 13
	Elevado nº de alunos por turma	1
	Falta de formação contínua	2
	Deficit na formação inicial	2
	Turma heterogénea	1
	Falta de recursos humanos	1
	Perturbação da sala pelos alunos com	1

	NEE	Total: 8
E – Relação social entre alunos sem NEE e os seus pares com MD	Alunos com MD sentem-se felizes	1
	Boa relação (respeito, solidariedade, cooperação, proteção, espírito de ajuda, disponibilidade, aceitação)	9
	Alunos com nee sentem que fazem parte do todo	1
	Aluna com MD tem direito a tratamento especial/diferenciado	1
	Alunos sem MD fazem-lhes mais a vontade	Total: 13
	Tiram e colocam material na mochila da colega	3
	Colocam a mochila às suas costas	1
	Empurram a cadeira	2
	Ajuda na realização de trabalhos	4
	Brincam com ela	5
	Ajudam a vestir ou despir o casaco	1
	Ajudam no lanche	2
	Partilha na observação dos manuais	1
		Total: 19
F – Sugestões para a melhoria do grau de inclusão dos alunos MD	Redução do número de alunos por turma	2
	Mais apoio especializado	1
	Apoio de pessoal não docente na sala de aula	1
	Maior sensibilização para a diferença	1
	Formação para pessoal não docente	1
	Mais materiais	1
	Tratamento igual atendendo às especificidades de cada um	1
	Contacto com a deficiência desde os primeiros tempos de vida (pares sem NEE)	3
	Organização diferenciada do trabalho em sala de aula	Total: 12
G – Opinião acerca do trabalho do docente de educação especial	Imprescindível	2
	Deveria ter mais horas	2
	Deve privilegiar o apoio individualizado	1
	Docentes deram o seu melhor	2
	UAEAM permite fazer trabalho que não é possível fazer na sala de aula	2
	Há sempre hipótese de melhorar	1
		Total: 10
H – Finalização	Articulação entre PT e PEE da UAEAM é muito importante para o sucesso da Inclusão.	1
		Total: 1

-

APÊNDICE V

Quadro síntese dos dados recolhidos por categorias de análise – Docentes de Educação Especial

Quadro síntese dos dados recolhidos por categorias de análise

CATEGORIAS	DESCRIPTORES	FREQUÊNCIA
G – Opinião sobre a atitude dos professores titulares de turma ao receberem alunos com MD na sua turma	<i>“impotência”</i>	1
	<i>“dificuldades na diferenciação que todos na turma exigem”</i>	2
	<i>“sensação de apreensão”;</i>	3
	<i>“falta de formação específica”;</i>	1
	<i>“o número elevado de alunos por turma”;</i>	2
	<i>“atitude negativa”;</i>	2
	<i>“dificuldade em implementar a sua inclusão” (de alunos com MD);</i>	1
	<i>“insatisfação”;</i>	1
	<i>“não acreditam nas capacidades dos alunos”;</i>	1
	<i>“ (não acreditam) nas possibilidades educativas”;</i>	1
	<i>“considerar a diferença um desafio nas suas práticas pedagógicas é uma oportunidade de enriquecê-las”;</i>	
		Total: 15